

A MANIFESTAÇÃO

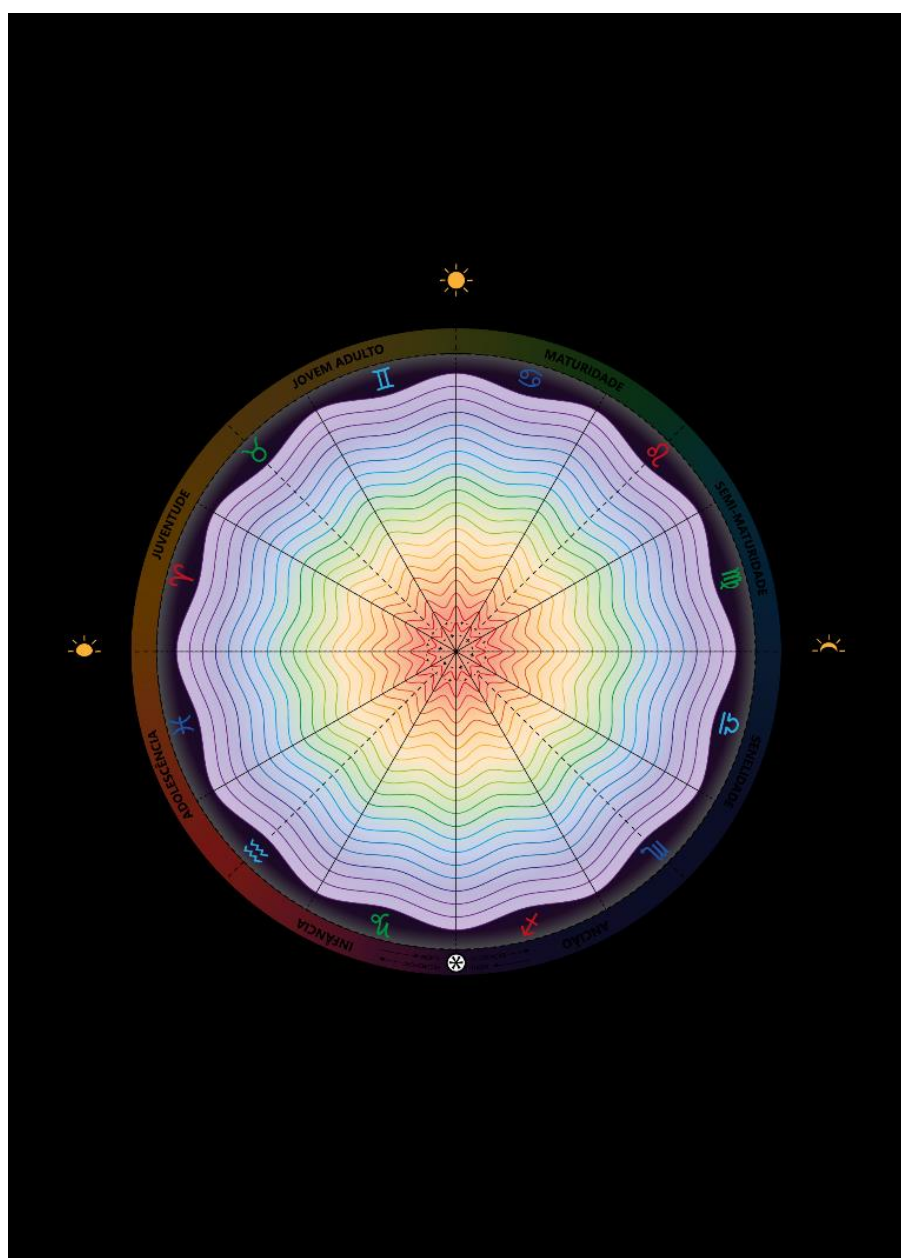


VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A MANIFESTAÇÃO





PAULO JACOBINA

A Manifestação

Título: A Manifestação

Copyright © Paulo Jacobina, 2018, 2022

Projeto Gráfico de Capa e Ilustrações: Carine de Souza e Paulo Jacobina
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jacobina, Paulo, 1982 –

A Manifestação / Paulo Jacobina

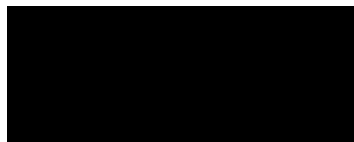
1. Filosofia 2. Filosofia da natureza 3. Metafísica 4. Cosmologia I.
Título 11-113/119.130.1

CDD 113

Índice para catálogo sistemático:

1. Cosmologia : Metafísica : Filosofia 113.

ISBN 978-65-00-51491-9



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

SUMÁRIO

A MANIFESTAÇÃO	7
CONCEITOS BASE	11
A IMAGEM	22
O Círculo	24
Linha Mediana Horizontal	25
Linha Mediana Vertical	28
A Cruz	30
As Estações	32
As Fases	35
Os Signos.....	37
Sagitário:	39
Escorpião:	39
Libra:	40
Virgem:	40
Leão:	41
Câncer:	41
Gêmeos:	41
Touro	41
Áries	42

Peixes	42
Aquário	42
Capricórnio	42
As quatro influências:	43
Faixas Vibracionais	47
O CICLO DA MANIFESTAÇÃO	56
A JORNADA DO EU	60
A JORNADA DO AGENTE MODELADOR	73
O SER	83
A CONCILIAÇÃO DOS PARADOXOS	86
GLOSSÁRIO	93

A MANIFESTAÇÃO

A presente obra é uma continuação e complementação ao material abordado na Senda Infinita. Apesar disso, o material aqui abordado pode ser estudado de forma independente, contudo, recomenda-se o estudo preliminar da Senda Infinita para uma melhor assimilação dos conceitos aqui apresentados.

Àqueles que estudaram a Senda Infinita devem ter transparecido que a citada obra possui um condão construtivo, iniciando com informações básicas com as quais o estudioso pode estar familiarizado e, pouco a pouco, os conceitos apresentados são expandidos de forma a conduzi-lo a uma maior percepção do tema abordado. Os assuntos lá tratados, como os na presente obra, não são rígidos a ponto de se considerar a literalidade das palavras utilizadas, tendo em vista que, por mais compreensivas que as palavras possam se mostrar, elas não conseguem descrever com acuidade aquilo o que é inefável, bem como 7

o próprio significado das palavras acaba sofrendo modificação através do tempo e da compreensão de cada leitor.

Apesar dessas transformações, talvez a maior dificuldade de se abordar tanto o tema a ser tratado nesta obra, como nas outras de natureza similar, encontra-se na suposta descrença que muitos possuem. Diz-se “suposta”

porque todos sabem o que se está sendo dito, apenas optam por não aceitarem a Verdade e fazem uso de determinados argumentos tentando afastá-la de suas jornadas.

Alguns alegam, por exemplo, que não acreditam no Absoluto porque não podem vê-lo; não podem ir a um laboratório e, por intermédio de

experimentos, comprovar a sua existência. Contudo, essas mesmas pessoas aceitam facilmente a existência de outras coisas que também não podem ser vistas ou comprovadas em um laboratório.

Análise o “pensamento”, por exemplo. Ele não pode ser verdadeiramente visto¹, nem, tampouco, pode, por intermédio de testes laboratoriais, ser comprovado.

1 Mesmo os chamados de Clarividentes não conseguem ver os pensamentos, apenas detectam alguns de seus aspectos, por intermédio de cores e formas.

8

Existem exames que detectam atividade cerebral, mas isso não significa que esses mesmos testes mostrem a existência de um pensamento. Eles apenas mostram que o cérebro está ativo, mas isso não significa que essa atividade é o pensamento. Entretanto, alguém pode dizer que esses mesmos testes podem não mostrar a existência de um pensamento, mas podem indicar o aspecto do pensamento que se revela ao se analisar o universo com parâmetros relacionados às dimensões comumente verificadas pela humanidade. E isso é verdade.

Essa verdade não está restrita apenas ao “pensamento”, mas também se aplica a todas as outras coisas. Assim, por exemplo, o universo, tal como é conhecido, nada mais é do que alguns aspectos do Universo, do Absoluto, assim como o planeta, tal como é conhecido, também é a manifestação de alguns aspectos do Planeta. E, tal qual o

“pensamento”, que possui inúmeros aspectos, alguns perceptíveis outros não, o Planeta, o Corpo e tudo que existe ⁹

também possuem aspectos perceptíveis e outros não perceptíveis para o estágio de Consciência no qual o homem, que necessita de encarnar na Terra, encontra-se.

Assim, da mesma forma com que a Manifestação apenas representa alguns dos infinitos aspectos da Absoluto, ao se analisar qualquer coisa, constatamos apenas alguns dos seus infinitos aspectos, sem conseguir verificar a sua integralidade. Contudo, não se pode descartar a influência que esses outros aspectos exercem sobre o

objeto analisado, pois todos os aspectos são parte integrante tanto do objeto sob análise, quanto da Manifestação e, conseqüentemente, do Absoluto.

10

CONCEITOS BASE

Tal como na obra preliminar, aqui se busca uma didática visando a captura do conhecimento por parte do leitor e a sua interiorização, fazendo resgatar a consciência do que se está sendo analisado. Para isso, será necessária a análise inicial de alguns conceitos que são, costumeiramente, utilizados de maneira equivocada pela maioria, e, por isso, acabam contribuindo para a perpetuação de certa confusão acerca dos temas em que são utilizados.

O primeiro conceito que se deve ter em mente é o do ponto. “Ponto” é um objeto que não tem definição, dimensão e forma e, por isso, é impossível mensurá-lo fazendo uso de medidas espaciais, como as de comprimento, largura, altura, área e volume. Apesar de o ponto não possuir medida, ao se unir infinitos pontos em linha, obtêm-se uma reta. Da mesma forma que se unindo infinitos pontos em linha dá-se origem à reta, ao se unir infinitas retas tem-se o plano, que é o conjunto de infinitas e ilimi-11

tadas reta. Assim como o plano é uma justaposição de retas, ao se realizar uma sobreposição de planos de forma que nenhum dos planos possua ponto em comum, mas que estejam tão próximos a ponto de serem confundidos entre si, dá-se origem ao espaço.

Além de servir de base construtiva do espaço, o ponto também é utilizado como mecanismo para se deter-minar uma posição no próprio espaço por intermédio das dimensões. “Dimensão” nada mais é do que o número de parâmetros utilizados para identificar um ponto no espaço. Assim, ao se falar que um ponto está na terceira dimensão, significa que foram utilizadas *apenas* três coordenadas para identificá-lo, ignorando-se todas as outras existentes e que também podem ser utilizadas para se aferir a sua localização.

Habitualmente, faz-se uso apenas de três coordenadas, comumente chamadas por comprimento, largura e profundidade. Contudo, existem outras coordenadas, como o tempo, e, ao fazer uso dessas quatro dimensões, tem-se origem o que se chama de espaço-tempo.

12

Como toda coordenada pode ser utilizada para se mensurar alguma coisa, a exemplo da reta com o comprimento e o plano com a largura, o tempo é utilizado para se estabelecer a frequência. Frequência consiste no número de ocorrências por unidade de tempo, assim, quanto maior a frequência de uma ocorrência, mais rápido no tempo se dá esta ocorrência.

Desta forma, o espaço-tempo é a parcela do Universo analisada por intermédio de quatro dimensões, três associadas à localização espacial e uma dimensão referente a localização temporal. Essa interrelação entre as dimensões espaciais e a dimensão temporal, ocasiona uma peculiaridade: o espaço-tempo é composto por uma parte espacial e uma parte temporal, fazendo com que, quanto maior for a presença de uma dessas partes, menor será a da outra.

Essa peculiaridade é a responsável por gerar algumas percepções, como a de que em um ponto extrema-mente maciço, isto é, repleto com as três dimensões espaciais, há a ocorrência reduzida do tempo, fazendo com que 13

a velocidade² percebida no ponto por alguém externo a ele seja pequena.

Outra percepção destacável encontra-se no fato de que, quanto mais precisa for a localização espacial de um ponto, mais imprecisa será a aferição da sua velocidade, uma vez que, para se obter a velocidade, faz-se uso da dimensão temporal. Ao contrário, quanto mais precisa a aferição da velocidade, mais impreciso será para se estabelecer a sua localização espacial. Por exemplo, ao se determi-nar que a Terra se desloca em uma velocidade orbital mé-dia de 29,78km/s, faz-se uso de incertezas tanto referentes a sua posição espacial, quanto a sua posição temporal, pois se se utilizasse uma posição espacial exata, a

posição temporal seria nula e o ponto se encontraria fora do espaço-tempo. Da mesma forma, se se utilizasse uma posição temporal exata, a sua posição espacial seria nula, encontrando-se fora do espaço-tempo. Por mais exata que a compreensão do Eu que encarna na Terra possa ter sobre 2

D

$V = \frac{D}{T}$, onde “v” é a velocidade; “D” é a distância, a medida espacial; e “T”

T

é o tempo.

14

a localização de algo, esta localização não é inteiramente correta, apenas ilusoriamente se manifesta precisa, sendo uma faixa de probabilidade constatada pelo Eu.

As relações analisadas dentro do espaço-tempo compõem o que se chama de ciclo. O ciclo é um período no tempo no qual um fenômeno ocorre, sendo o fenômeno uma sequência de fatos, nem sempre compreendidos pelo Eu que necessita de encarnar na Terra. Por exemplo, existem ciclos “mais simples” de se compreender, como o piscar de olhos; a rotação da Terra; a translação da Terra; e a encarnação. Tal qual existem ciclos “mais complexos”, como o da Manifestação. Entretanto, mesmo nesses ciclos

“mais simples” existem fatos que ocorrem de forma desapercebida pelo Eu. Bem como existem ciclos que possuem fatos que a compreensão do Eu aqui encarnado não consegue visualizar como integrantes do fenômeno observado.

E todos os fatos que compõem o ciclo são necessários, pois, sem eles, o ciclo não se completa, apenas torna-se mais longo.

15

Outrossim, os fatos que compõem um ciclo também podem compor outros ciclos, sendo estes integrantes de um ciclo “maior” ou de um

outro ciclo. Tomando o piscar de olhos como exemplo de ciclo, é possível se estabelecer que existem dois ciclos “menores” dentro dele, um correspondente ao fenômeno do fechar dos olhos e outro, ao abri-los. O próprio abrir dos olhos, além de integrar o piscar de olhos, também é parte integrante do ciclo de visão.

Desta forma, todos os ciclos acabam por se integrar e co-nectar, compondo o Ciclo da Manifestação.

Outro conceito base que se deve ter em mente é o de campo. “Campo” é o nome dado a uma região de influência de algo ou sobre a qual atua uma determinada força. Sendo a força um agente capaz de modificar o estado no qual algo se encontra, essa modificação causada pela força ocorre em virtude da utilização do deslocamento da energia, que é a capacidade que algo possui de criar movimento³, ou, em outras palavras, é a Vitalidade.

3 Ou Trabalho.

16

À concentração de energia dá-se o nome de

“massa”⁴ e, à concentração dessa massa em uma região do espaço dá-se o nome de “densidade”⁵. Assim, quanto mais massa existir em uma região espacial, mais densa essa região estará e, ao contrário senso, quanto menor for a massa em uma região, mais sutil ela estará.

Ponto que merece destaque encontra-se no fato de que a massa é a concentração de energia e, sendo a energia a capacidade de criar movimento, quanto mais massa, consequentemente, mais energia e, consequentemente, mais movimento. Contudo, embora um objeto denso possa parecer estático para quem o observa do exterior, em seu interior, há o movimento da própria energia. Porém, como a porção do espaço no qual essa energia se encontra é ínfima, a porção do tempo se eleva, fazendo com $E = m \cdot c^2$, onde “E” é a energia; “m” é a massa; e “c²” é a velocidade da luz ao quadrado.

5

M

$D = \frac{m}{V}$, onde “D” é a densidade; “m” é a massa; e “V” é o volume.

V

17

que a energia atinja elevadas frequências⁶. Essas frequências podem ser tão elevadas que ilusoriamente façam o objeto parecer estático para um observador externo.

Assim, a elevação da frequência está intimamente associada ao aumento da densidade; ao passo que a diminuição da frequência está correlacionada à diminuição da densidade ou à ocorrência do processo de sutilização. Da mesma forma, um objeto para se adensar necessita de acumular energia, enquanto que, para se sutilizar, necessita de liberar energia. Por exemplo, em um objeto esférico no qual o centro é o local de maior densidade e a superfície é o de menor, para um ponto que se encontra no centro desse objeto se deslocar em direção à superfície, ele deve liberar energia no sistema, que será absorvida por outro ponto no sistema que passará a ocupar o seu antigo local, realizando uma troca de posições, na qual um ponto se sutiliza ao passo em que outro se adensa.

$E = h \cdot F$, onde “E” é a energia; “h” é a constante de Planck; e “F” é a frequência.

18

Aqui serão mantidos, para fins didáticos, as nomenclaturas utilizadas na obra preliminar (“A Senda Infinita”) e, portanto, o processo de adensamento ocorre pela ação do Agente Modelador, enquanto, o de sutilização, pelo Eu.

Assim, a manifestação ocorre por um processo de *contração* no Absoluto, no qual o Tecido Elementar é fragmentado infinitamente pelo Agente Modelador até se obter a Partícula Elementar, que nada mais é do que a mais básica forma manifesta do Absoluto. Essa Partícula Elementar é o ponto no qual a ação desagregadora do Agente Modelador é totalmente anulada pela ação integralizadora do Eu.

Em que pese o fato de o Universo ser criado pela fragmentação até se alcançar a Partícula Elementar, é possível se estabelecer, para fins didáticos, que toda a Manifestação é formada por partículas elementares reunidas em diferentes proporções.

De forma a facilitar a visualização, basta pensar em um átomo de hidrogênio, o mais básico elemento químico conhecido. Ao se unir dois átomos de hidrogênio, obtém-19

se um átomo de hélio. Acrescentando mais um átomo de hidrogênio, cria-se um de lítio e, assim por diante, criando todos os elementos químicos. Da mesma forma com que se “unindo” átomos de hidrogênio se consegue formar todos os demais elementos químicos, ao se unir partículas elementares, forma-se tudo o que existe e o que não existe.

Como tudo o que existe e o que não existe é composto pela partícula elementar em diversas quantidades, todos os princípios que atuam sobre a partícula elementar também se aplicam àquilo o que é manifesto.

Esse fato é importante para se compreender que tudo o que existe e o que não existe está submetido às mesmas regras básicas, pois é composto pela mesma coisa, a Partícula Elementar, em distintas quantidades. É por isso que comumente se diz que *“o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”*.

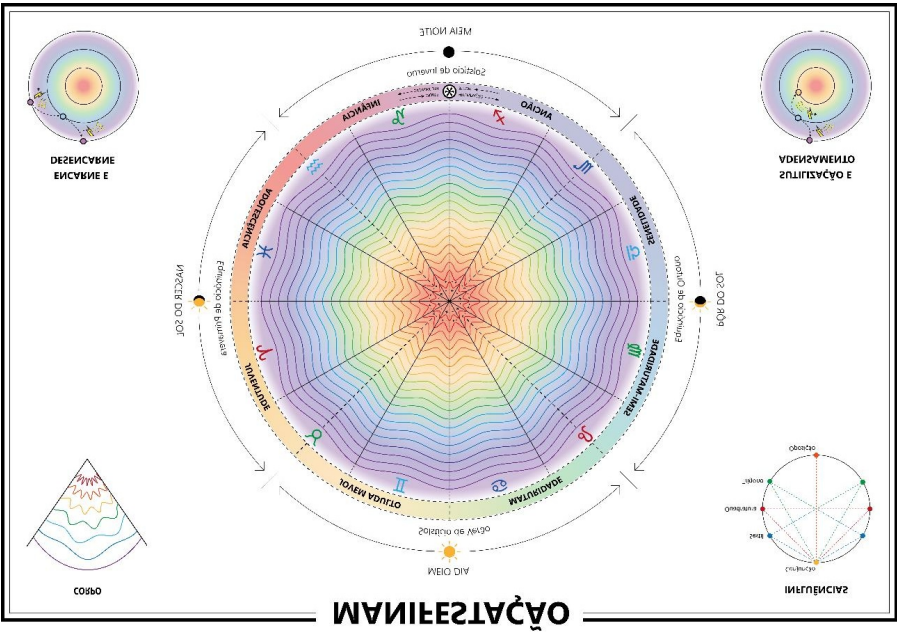
É claro que a Manifestação, como é observada pelo Eu que necessita de estar encarnado na Terra, apresenta-se de infinitas formas, sendo cada uma dessas formas com-20

posta por uma quantidade de partículas elementares, fazendo com que as regras básicas aplicadas à Partícula Elementar se verifiquem em maior ou menor evidência, de acordo com a proporção de partículas elementares daquela forma. E isso inclui fenômenos naturais, mas que parecem se comportar de maneira não natural, tal qual ocorre com os Pontos de Lagrange7.

Outro ponto, encontra-se no fato de que uma forma, observada pelo Eu que necessita de estar encarnado na Terra, é composta por infinitas outras formas, a exemplo da forma humana, que é o resultado da aglutinação de infinitas outras formas; ou do triângulo, que é uma das formas obtidas com a união de três segmentos de reta, e, em seu interior inúmeros triângulos podem ser encontrados.

7 Resumidamente, são pontos decorrentes da interação gravitacional de dois ou mais objetos massivos, nos quais as forças gravitacionais de tais corpos cancelam a aceleração centrípeta dos objetos ali localizados.

21



A IMAGEM

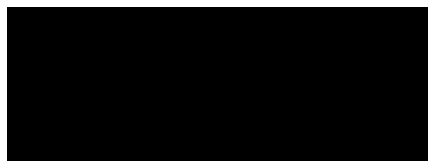
22

A Imagem em destaque é uma representação alegórica do Ciclo da Manifestação e, tendo em vista que toda a manifestação, independente da forma adotada, encontra-se submetida às mesmas regras básicas, ao se compreender as chaves de interpretação contidas na imagem, pode-se aplicar tal compreensão a todas as formas manifestas.

Assim, visando-se o resgate da consciência, serão abordados, de forma didática, os símbolos que compõem a imagem alegórica.

Apesar de se tratar de uma imagem estática, ela representa o Ciclo da Manifestação, e, portanto, o movimento existe em seu interior, bem como todos os símbolos se encontram difundidos por toda a imagem. A imagem é una, formada por um conjunto de partes que a integram de maneira indissociável e a sua divisão realizada a seguir, na mais é que um mecanismo didático visando facilitar a compreensão.

Ao se observar a imagem em destaque, percebe-se que ela apresenta um formato vagamente circular; uma série de símbolos e cores; e diversas linhas, que podem se 23



encontrar contínuas ou pontilhadas, bem como retas ou onduladas.

O Círculo

Embora a imagem seja vagamente circular, ela possui indicações de que se expande ao infinito, fazendo com que as ondulações mais externas diminuam até se tornarem um círculo perfeito.

Esse círculo é o Ciclo da Manifestação, trazendo consigo os simbolismos da Totalidade; do número 1 (um); do Sol; da Unidade, do Chrestos, da Mônada; do Todo; d'Aquele que É.

Embora esses simbolismos estejam associados a conceitos de Deus, deve-se lembrar que a imagem trata do Manifesto e não do Imanifesto, ou seja, ela representa os símbolos da manifestação do Imanifesto, mas sem simbolizar, de fato, o Imanifesto, uma vez que Ele é incognoscível.

Linha Mediana Horizontal

Dentre todas as marcações apresentadas na imagem, a primeira a ser analisada é a linha mediana equatorial, que divide a imagem em duas metades, uma meridional, localizada abaixo, e uma setentrional, localizada acima.

A Linha Mediana Horizontal é a marcação que simbolicamente divide a unidade, transformando-a na dualidade, representada pelo número 2 (dois). Simbolizando o espelho no qual a metade que está em cima é um reflexo invertido da metade que se encontra em baixo, tal qual a metade inferior representa o reflexo invertido da metade superior.

25

A metade meridional está associada aos simbolismos da noite; do inverno; da reclusão da matéria e preponderância do espiritual; da energia Yin; da energia negativa; da passividade; da gestação; do princípio feminino; do frio; da absorção; da terra; da lua; do gelado; do silêncio; do inconsciente; da intuição; do escuro; do elemento terra; do mercúrio; do fixo.

Enquanto a metade setentrional está ligada aos simbolismos do dia; do verão; da preponderância da matéria e reclusão do espiritual; da energia Yang; da energia ativa; da atividade; da fecundação; do princípio masculino; do calor; da penetração; do céu; do sol; do quente; do som; do consciente; da lógica; do claro; do elemento fogo; do enxofre; do móvel.

Apesar de cada metade da imagem se encontrar associada a determinados simbolismos, isso não significa que os simbolismos da metade oposta não existam nela. O

que ocorre é que os simbolismos de cada metade são os predominantes naquela metade, pois a imagem representa 26

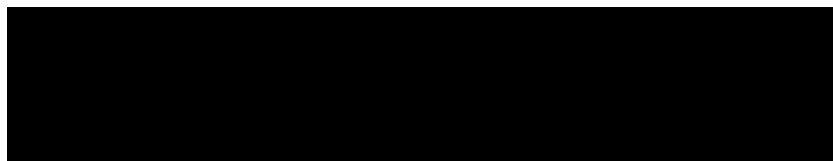
estaticamente o Ciclo, que é composto por fatores em movimento.

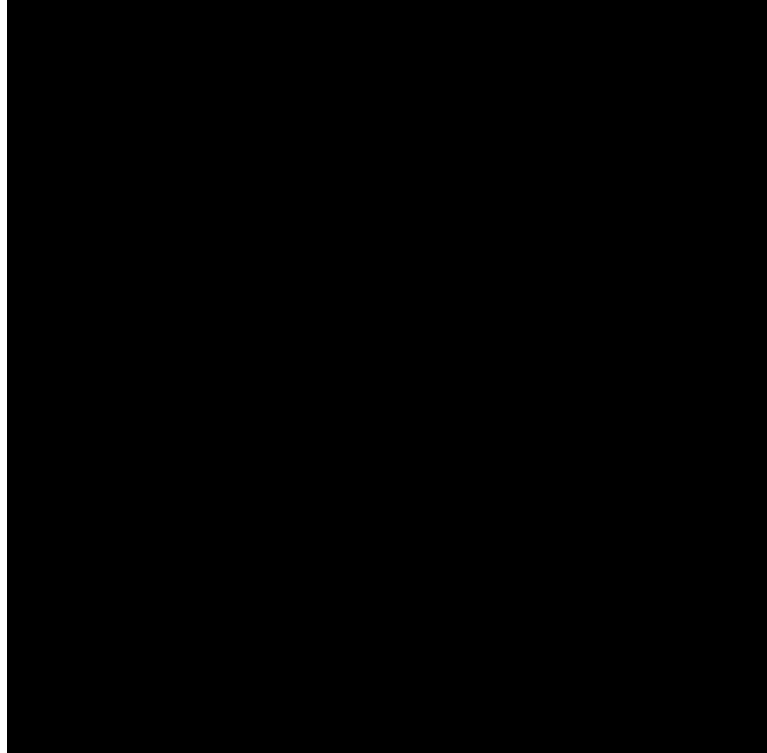
Ademais, como a própria ideia da dualidade está associada ao espelho, tem-se que cada um dos lados é o oposto, o inverso do outro, e não que eles sejam completa-mente distintos, apenas que estão organizados de forma inversa e, ao se fundirem, formam a Unidade.

Ao passo que a linha mediana horizontal divide a imagem em duas metades, como um espelho de duas faces, ela, ao realizar essa divisão, cria um terceiro símbolo, o da ocorrência de uma transição entre os significados da metade superior com os da metade inferior, também representado pelo simbolismo do sal ou do arsênico; e o do número três.

Contudo, como a linha é o espelho de duas faces, a transição se manifesta de forma invertida de acordo com o caminho a ser seguido.

O lado esquerdo da linha simboliza o nascer do sol; às seis horas; marca o início do dia; o fim da noite; o equinócio da primavera; a alvorada; o elemento ar.





Por sua vez, o lado direito da linha simboliza o pôr-do-sol; às dezoito horas; marca o fim do dia; o início da noite; o equinócio de outono; o crepúsculo; o elemento água.

Os dois lados da linha significam a mesma coisa, mas em caminhos opostos, dando origem ao simbolismo do número 4 (quatro), também expresso na Cruz.

Linha Mediana Vertical

A linha mediana vertical divide a imagem em duas partes iguais, a da direita e a da esquerda; que são as formas da manifestação verificada no simbolismo da transição ocorrida no espelho de duas faces da linha mediana horizontal.

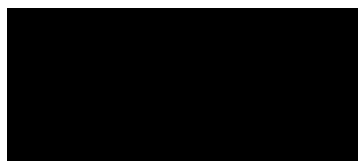
A metade da direita está associada ao simbolismo do outono; à diminuição do dia e ao aumento da noite; diminuição da preponderância material; crescimento da preponderância espiritual.

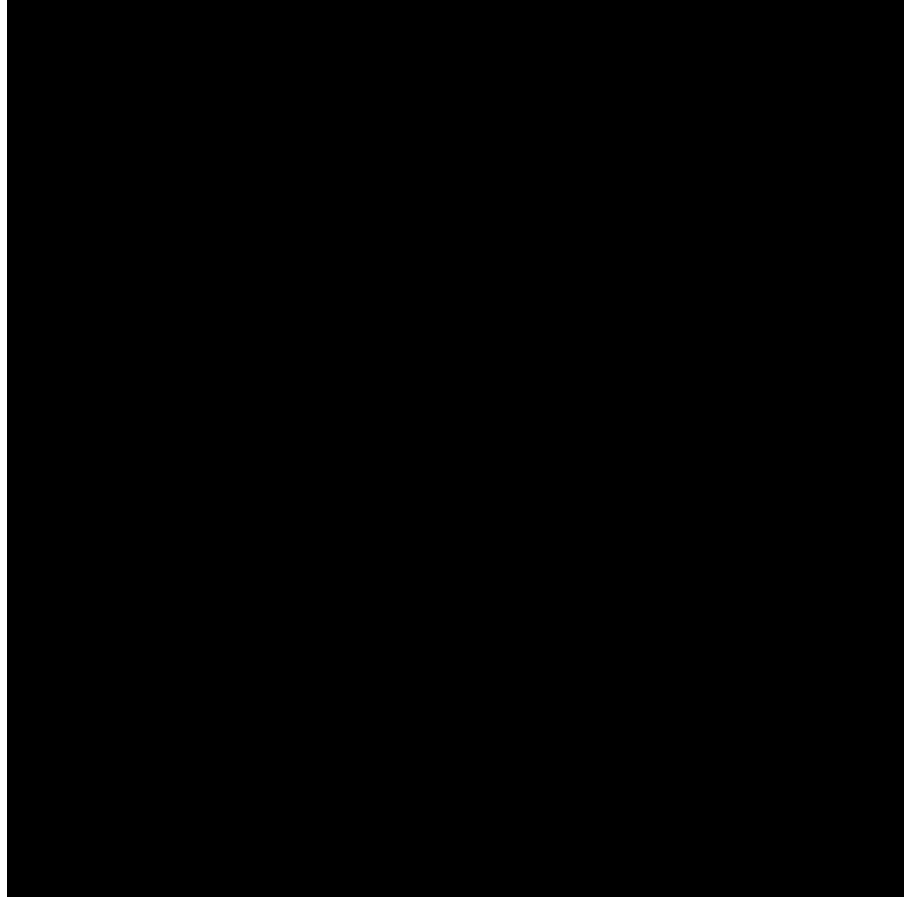
Já a metade da esquerda está associada ao simbolismo da primavera; ao aumento do dia e diminuição da noite; crescimento da preponderância material; diminuição da preponderância espiritual.

Tal qual ocorre com a metade meridional e a setentrional, as metades da direita e da esquerda também são idênticas, mas dispostas em sentidos opostos, como uma imagem vista em um espelho.

À proporção que a linha mediana vertical divide a imagem em duas metades, os seus lados também apresentam significados.

O lado de baixo da linha simboliza a morte e a fecundação; a meia noite; o ápice das energias da metade setentrional da imagem; o solstício de inverno.





A seu turno, o lado de cima da linha simboliza a meia-idade; o meio dia; o ápice das energias da metade meridional da imagem; o solstício de verão.

A Cruz

Unindo-se as duas linhas medianas, forma-se a figura de uma cruz de braços iguais. Cada um desses braços está associado a alguns símbolos que lhe são predominantes.

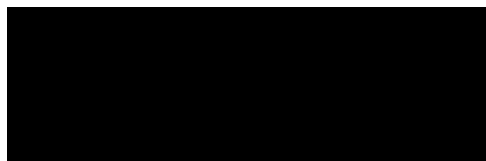
como a manifestação das formas e a corre-lação com a saúde, o corpo, a força e a resiliência. Também está ligado à representação da energia negativa e ao ápice do inverno, representado pelo solstício de inverno.

O braço da esquerda está associado ao simbolismo do elemento ar, com a manifestação do intelecto e a corre-lação com a comunicação, ao intercâmbio. Também está ligado à representação da energia positiva e ao ápice da primavera, representado pelo equinócio de primavera.

O braço superior está associado ao simbolismo do elemento fogo, com a manifestação da vontade e a corre-lação com a expansão, a conquista, a coragem, a paixão.

Também está ligado à representação da energia positiva e ao ápice do verão, representado pelo solstício de verão.

O braço da direita está associado ao simbolismo do elemento água, com a manifestação da intuição e correla-ção com a compaixão, a sensibilidade, a imaginação, a ab-negação. Também está ligado à representação da energia 31



negativa e ao ápice do outono, representado pelo equinócio de outono.

As Estações

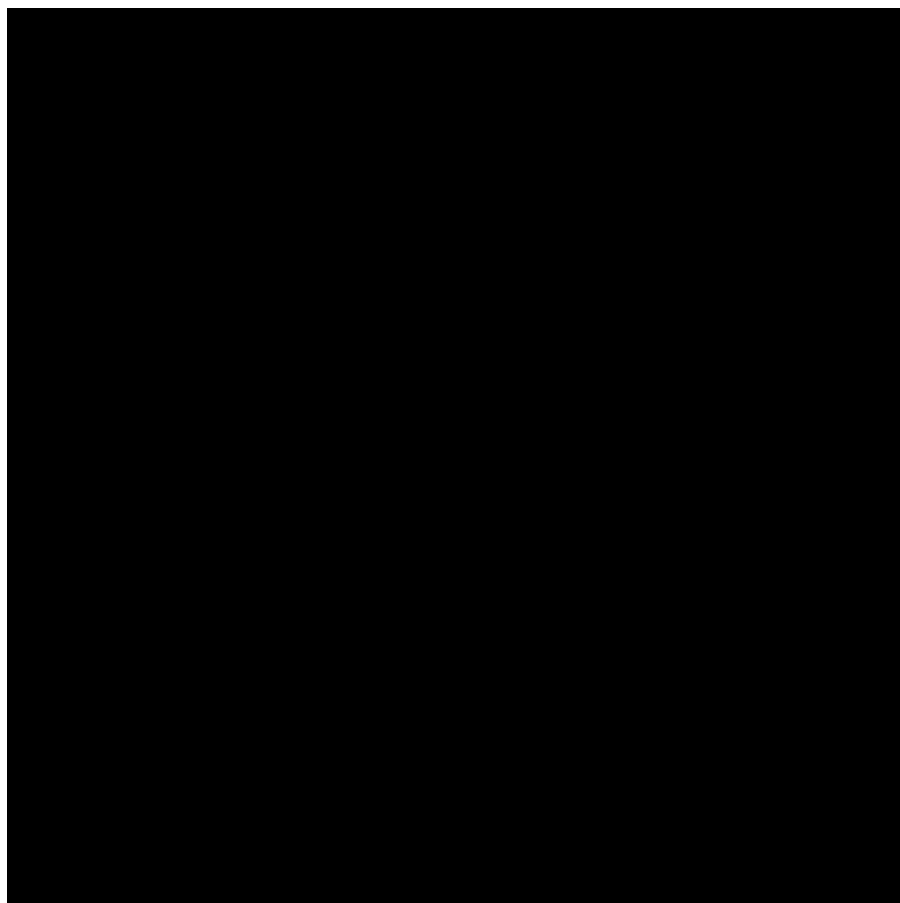
Unindo-se as duas linhas medianas, obtém-se uma cruz na qual os seus braços simbolizam os pontos de ação máxima dos quatro elementos, o solstício de inverno, abaixo, associado ao elemento terra; o equinócio da primavera, à esquerda, associado ao elemento ar; o solstício de verão, acima, associado ao elemento fogo; e o equinócio de outono, à direita, associado ao elemento água.

Contudo, tais braços marcam o ponto máximo das estações, mas não o período de cada uma dessas estações.

O período de cada estação se encontra delimitado por um

“x”, que tem os braços projetados do centro da imagem, em ângulos de 45°, aos dos braços da cruz formada pelas linhas medianas.

32



Esse “x” delimita as quatro “estações” do Ciclo da Manifestação, mas isso não significa que em uma estação não se encontre presente as energias das demais estações, apenas que a energia associada àquela estação é a predominante. Cada braço deste “x” demarca tanto o início quanto o final de uma estação.

Na parte de baixo, o inverno predomina. É o momento de recolhimento como a própria origem latina do 33

nome inverno simboliza, *tempus hibernum*⁸. Esse recolhimento traz a reflexão íntima da energia negativa, tanto da análise do que passou, quanto para o preparo do que está por vir.

Na parte da esquerda, a primavera⁹ predomina, com o período do florescimento no qual as ações iniciadas anteriormente começam a se revelar com a ação da energia positiva, indicando o caminho que está por vir.

Na parte de cima, o verão predomina. É o período da plenitude, da energia positiva, representado pelo próprio nome latino *ueranum tempus*¹⁰. É o período no qual as ações estão em seu ápice.

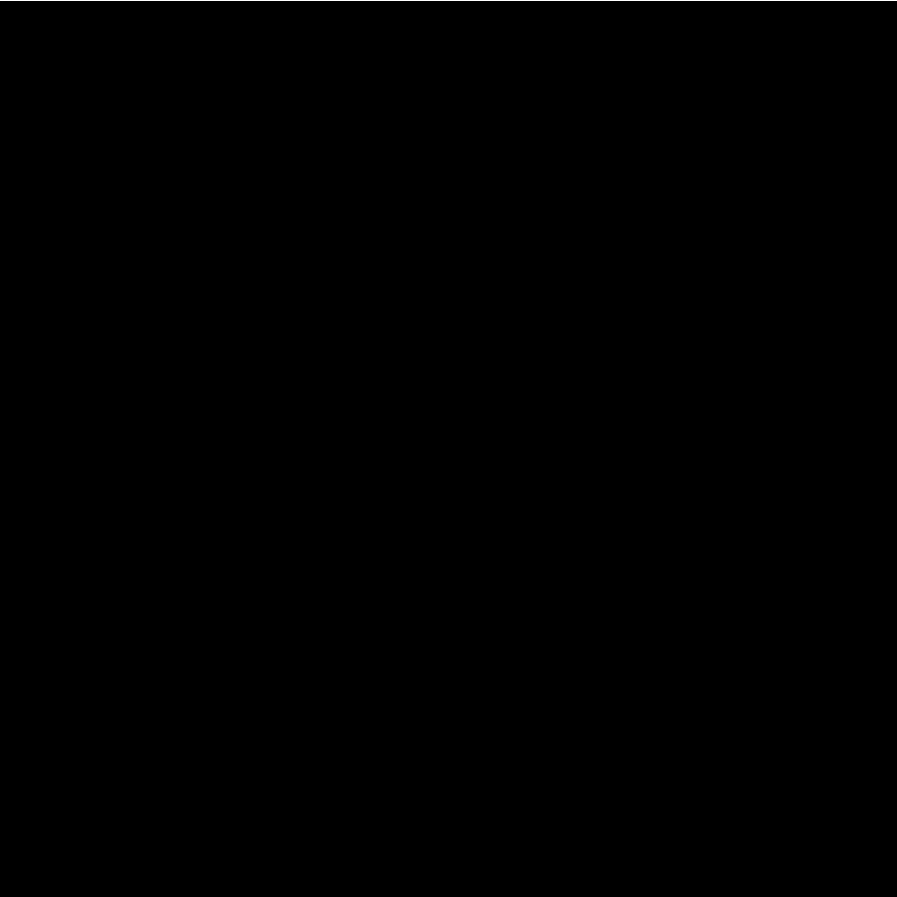
Na parte da direita, a predominância é do outono.

É o momento da colheita ocasionada pela energia negativa, como o próprio nome latino do outono traz¹¹, *tempus* ⁸ Traduzindo do latim, a expressão *tempus hibernum* significa tempo de hi-bernar.

⁹ *Primo uere* ou princípio da boa estação.

¹⁰ *Ueranum tempus* significa tempo de frutificação.

¹¹ Em latim, outono é *tempus autumnum*, que significa tempo de ocaso.



autumnnum, no qual se recebe os frutos daquilo que foi se-meado.

As Fases

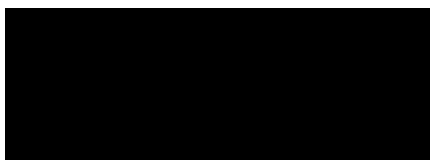
Com a união da cruz das medianas e com o “x” das estações, forma-se uma estrela de oito pontas como um ti-mão, no qual oito períodos podem ser localizados entre cada braço desta estrela. Cada um desses períodos representa uma fase associada a um aspecto da consciência.

Em sentindo horário, iniciando-se do braço inferior da estrela de oito pontas, encontra-se as seguintes fases simbólicas: infância, associada

ao aspecto da atenção correta; adolescência, associada ao aspecto da fala correta; juventude, associada ao aspecto da ação correta; jovem-adulto, associado ao aspecto do esforço correto; maturidade, associado ao aspecto do meio de vida correto; seni-maturidade, associado ao aspecto da concentração correta; senilidade, associado ao aspecto do pensamento correto; e ancião, associado ao aspecto da compreensão correta.

Seguindo por esse sentido, percebe-se que cada *nova* fase apresenta um *acréscimo* na consciência se comparada à fase anterior, ilustrando a jornada do Eu na Senda Infinita. A contrário senso, seguindo no sentido anti-horário, cada *nova* fase apresenta um *decréscimo* na consciência se comparada a fase que a precede, ilustrando a jornada do Agente Modelador na Senda Infinita.

36



Os Signos

Tendo por base a cruz, verifica-se que os seus braços representam o ápice das estações, mas há uma transição que ocorre no período entre um braço e outro.

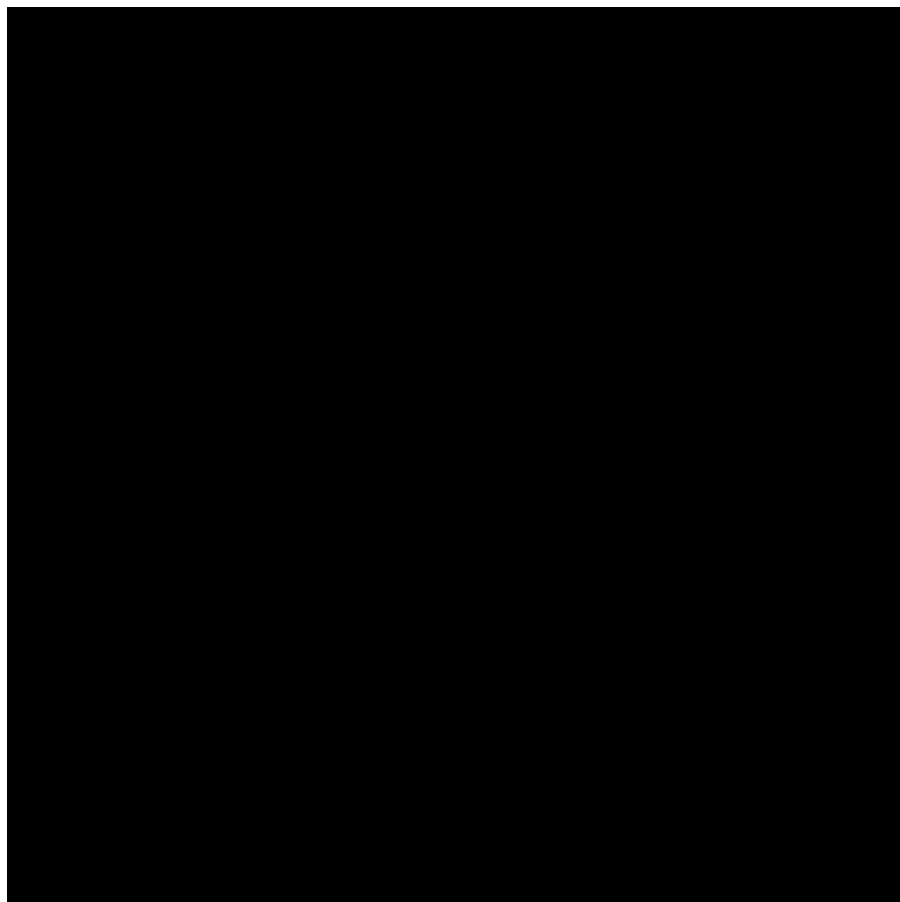
Cada um desses períodos de transição é composto por três fases, pois a transformação, como visto anteriormente, é representada pelo simbolismo do número três. O

número três é composto pelo simbolismo do princípio *passivo*, do *ativo* e do *novo*, decorrente da mescla dos dois anteriores.

Esses três períodos devem ser analisados sempre na seguinte sequência: de acordo com o braço da cruz se inicia a análise em direção ao braço subsequente. A primeira fase simboliza o mercúrio, o princípio volátil, passivo, cardinal; a segunda, simboliza o enxofre, o princípio fixo, ativo; enquanto a terceira fase simboliza o sal ou

arsênico, o princípio transformador, mutável, decorrente da união dos símbolos das fases anteriores.

Assim, fazendo uma análise iniciada no braço inferior em direção ao braço direito, as três fases que separam 37

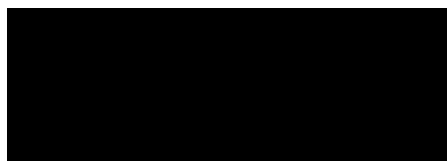
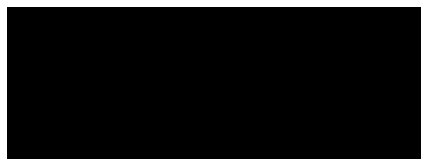


os braços seguem a seguinte interpretação: mercúrio ou cardinal; enxofre ou fixo; e sal ou mutável. Contudo, caso a análise seja realizada no sentido inverso, a fase que outrora foi interpretada como mercúrio ou cardinal, passa a ser interpretada como sendo sal ou mutável; enquanto a fase enxofre ou fixo continua sendo interpretada da mesma forma, pois representa a continuidade do caminho que se está seguindo.

Tendo em vista que são quatro braços e entre cada um deles existem três fases transitórias, estabelece-se a ocorrência de doze fases, sendo

cada uma dessas fases é simbolizada por um signo zodiacal.

38



Assim, seguindo o sentido anti-horário iniciando-se no braço inferior da cruz, encontra-se a seguinte sequência de signos ou arquétipos:

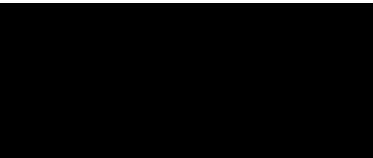
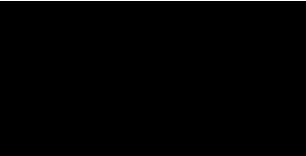
Sagitário:

O símbolo de Sagitário apresenta a dualidade existente dentro do ser. As forças que buscam sutilizá-lo e as que buscam adensá-lo. É dentro desse arquétipo que a Manifestação escolhe, por seu livre-arbítrio, o caminho a ser seguido: transforma-se de um “animal”, tomado pelo instinto, em um “homem”, seguindo à intuição ou o caminho inverso, qual seja, deixar de ser aquele que segue à intuição e transformar-se naquele que é levado pelo instinto. É

nesse arquétipo que ocorre a transição entre as faixas vibracionais. Simboliza o Fogo e tem polaridade positiva.

Escorpião:

O símbolo de Escorpião representa a transformação, na qual as forças existentes naquilo que se manifestava anteriormente são transmutadas e alimentam uma 39



nova forma. Tal transformação costumeiramente é representada pelo simbolismo do renascimento, que é o início de uma nova fase, após a morte da anterior. Simboliza a Água e tem polaridade negativa.

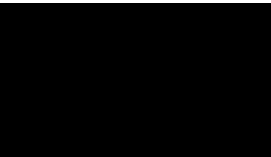
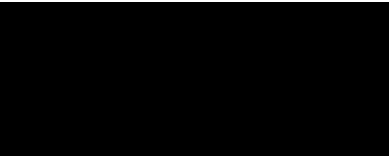
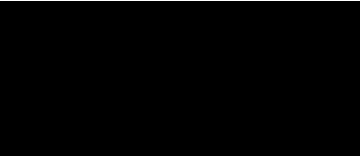
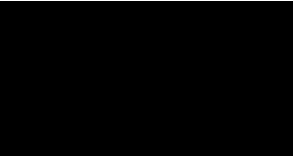
Libra:

O símbolo de Libra está associado à busca pelo equilíbrio. É o ponto de encontro entre dois caminhos, o que conduz ao interior e o que conduz ao exterior. Para alcançar esse equilíbrio, torna-se necessário um distanciamento e a imparcialidade do resultado a ser obtido. O

equilíbrio se encontra na harmonização do caminho a ser seguido, no estabelecimento de um fluxo constante e harmônico. Simboliza o Ar e tem polaridade positiva.

Virgem:

O símbolo de Virgem se associa ao estabelecimento da potencialização das funções de cada parte integrante do todo. Estabelecendo a eficiência e, conseqüentemente, a fartura, a prosperidade. É neste arquétipo que o caminho a ser trilhado ganha impulso. Simboliza a Terra e tem polaridade negativa.



Leão:

O símbolo de Leão representa o arquétipo de uma fonte de força que irradia e alimenta o sistema no qual se encontra. Simboliza o Fogo e tem polaridade positiva.

Câncer:

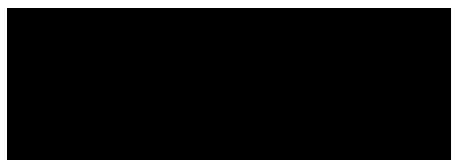
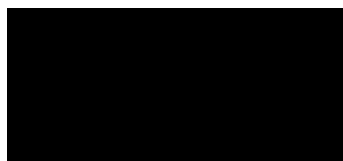
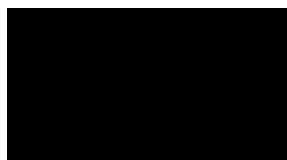
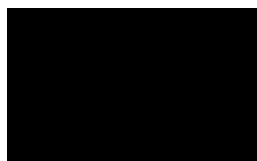
O símbolo de Câncer representa o guardião das sensações das experiências pretéritas, que são utilizadas para pautar o caminho a ser trilhado. Simboliza a Água e tem polaridade negativa.

Gêmeos:

O símbolo de Gêmeos está associado à relação com aquilo que se encontra dividido, fragmentado. Por isso, traz em si o simbolismo do movimento existente entre aquilo que está separado. Simboliza o Ar e tem polaridade positiva.

Touro:

O símbolo de Touro corresponde à estabilização da força aplicada ao caminho que se segue. Por se tratar da estabilização, simboliza a concretude, a solidez e a busca 41



pela sua percepção, manutenção de forma prática. Simboliza a Terra e tem polaridade negativa.

Áries:

O símbolo de Áries representa a impulsividade da criação, na qual as forças ali aplicadas proporcionam a diferenciação, a autoafirmação. Também simboliza o Fogo e possui polaridade positiva.

Peixes:

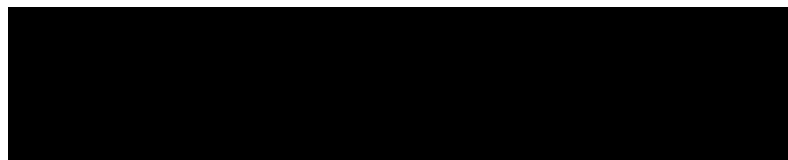
O símbolo de Peixes representa o ponto em que os opostos se tocam e qualquer coisa pode ser gerada, saindo da “prisão” na qual se encontrava. Também simboliza a Água e tem polaridade negativa.

Aquário:

O símbolo de Aquário está associado ao visionário, que revoluciona o antigo e indica um novo caminho a seguir. Também simboliza o Ar e tem a polaridade positiva.

Capricórnio:

O símbolo de Capricórnio se vincula ao conceito de fazer, de buscar construir algo que foi planejado e, por isso, associa-se à ideia de responsabilidade, de controle e 42



disciplina. É a fase responsável por estabelecer as metas a serem cumpridas de forma objetiva e prática, adotando-se as formas necessárias para isso. Também simboliza a Terra e tem polaridade negativa.

Embora cada signo tenha a predominância de uma polaridade, por exemplo, negativa em Capricórnio e positiva em Sagitário, as duas polaridades se fazem presentes em todos os Signos.

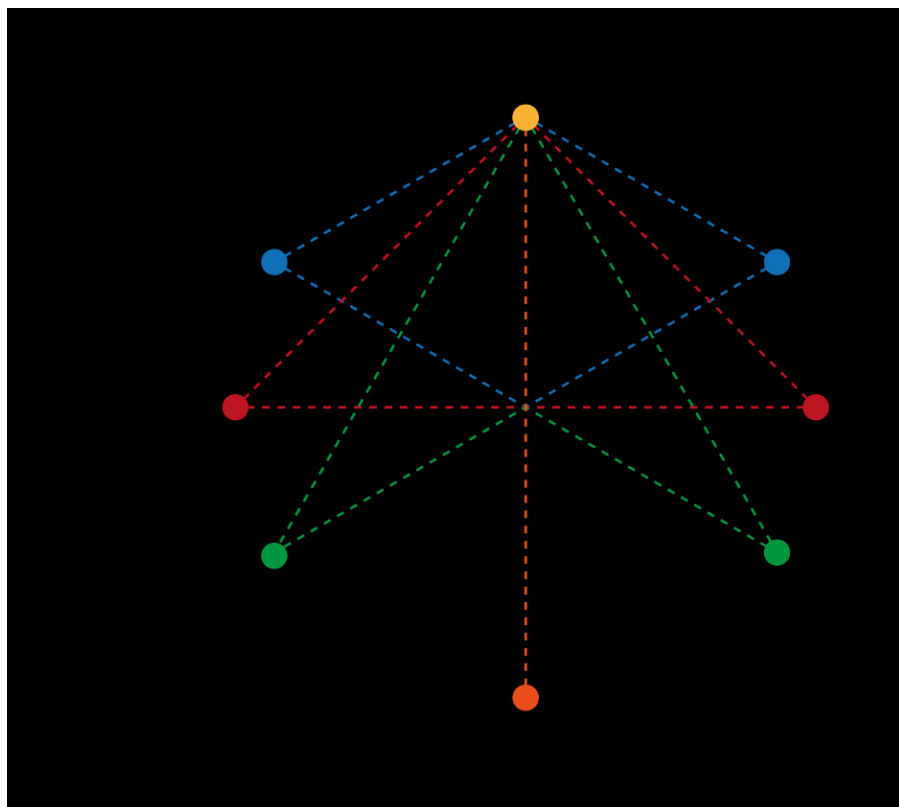
As quatro influências:

Da mesma forma que a Manifestação ocorre de maneira integral, ao se

analisar os simbolismos que atuam em cada signo, deve-se compreender que outros quatro núcleos de simbolismo também influenciam o signo em análise, tal qual ilustrado na imagem menor superior direita –

Influências:

43



O sextil, formado por dois núcleos de consciência localizados à 60° em referência ao centro da imagem. Associado ao simbolismo do elemento ar, no qual as interações dessas influências fazem surgir reflexões positivas na esfera mental.

A quadratura, formada por dois núcleos de consciência localizados à 90° em referência ao centro da imagem.

Associada ao simbolismo do elemento terra, no qual as interações

dessas influências fazem surgir a necessidade de 44

se fixar, decorrente da aplicação da energia da terra, gerando conflito entre o ímpeto natural de fluir e o de estagnar.

O trígono, formado por dois núcleos de consciência localizados à 120° em referência ao centro da imagem. Associado ao simbolismo do elemento água, no qual as interações dessas influências fazem aflorar novos e positivos sentimentos e emoções¹², associados à intuição.

A oposição, formada por um núcleo de consciência localizado à 180° em referência à Conjunção. Associada ao simbolismo do elemento fogo, no qual as interações dessas influências destacam a essência transformadora, presente no contraste decorrente dos aspectos complementares.

Além das quatro influências apresentadas na imagem menor superior direita – Influências –, na própria 12 **Sentimento** é a forma de se compreender o que se encontra dentro de si; **sensação** é a forma de se compreender o que se encontra fora de si; enquanto a **emoção** é a forma de se compreender o que se encontra fora por algo que se encontra dentro ou de se compreender o que se encontra dentro por algo que se encontra fora.

45

imagem também aparece um quinto elemento denominado “conjunção”. A conjunção, nada mais é do que o núcleo de consciência que se encontra em análise e que é influenciado, principalmente, pelos outros quatro núcleos de consciência apresentados na imagem: sextil, quadratura, trígono e oposição.

Da mesma maneira com que os outros quatro núcleos de consciência exercem influências associadas ao simbolismo dos quatro elementos básicos, o núcleo de consciência indicado como “conjunção” também possui um elemento simbólico, o quinto elemento, também chamado de quintessência, éter, akasha, dentre outros.

A interação entre esses núcleos de consciência dá origem ao simbolismo encontrado no número 5 (cinco) e no número 8 (oito).



As faixas vibracionais são aquelas que “paralela-mente” se apresentam de aspecto círculo-ondulatório e se encontram divididas em sete cores.

Mais próximas do centro da imagem, as faixas vibracionais possuem a coloração vermelha, simbolizando o espectro vermelho da luz, ao passo que as mais distantes 47

do centro possuem a coloração violeta, simbolizando o espectro violeta. No espaço interior da mais interna faixa vibracional vermelha, existem infinitas faixas vibracionais, representadas pelo espectro infravermelho, tal qual ocorre com o espaço exterior ao da externa faixa vibracional violeta, que corresponde às infinitas faixas representadas pelo espectro ultravioleta.

As faixas vibracionais apresentam superfície ondulatória visando simbolizar o comportamento apresentado pelas partículas¹³ que a compõem.

Por se tratar de um ciclo, cada faixa vibracional se apresenta circularmente. Entretanto, para fins didáticos, pode ser aberta em um plano, representando um mundo existencial. Assim, a junção de todas as faixas vibracionais representaria o Orbe ou Mundo de Existência¹⁴.

13 Partícula é um “campo de energia condensada” ou “campo de matéria”, que se propaga de modo similar ao de uma onda, no que se conhece como

“dualidade onda-partícula” ou “dualidade onda-corpúsculo” ou “dualidade matéria-energia”.

14 Para mais detalhes sobre o Orbe ou Mundo de Existência, verifique o capítulo 3 da obra “A Senda Infinita”.

As faixas vibracionais mais internas, como as de coloração vermelha, representam os planos mais densos da Manifestação, ao passo que as faixas vibracionais mais externas, como as de coloração violeta, representam os planos mais sutis.

A diferença de sutilidade entre as faixas pode ser constatada ao se verificar a diferença de frequência de cada uma delas. As faixas mais internas possuem frequências maiores do que as externas e, numa imagem em duas dimensões, como a apresentada, parecem menores do que as faixas mais externas. Entretanto, por mais que possa parecer que existe diferença de comprimento¹⁵ entre as faixas, deve-se ter em mente que as faixas interiores são mais densas, ou seja, possuem medidas espaciais concentradas, mas que, caso fossem distendidas, atingiriam o mesmo comprimento das demais.

15 Comprimento aqui não deve ser confundido com comprimento de onda, medida entre dois picos, mas entendido como a medida total da onda, numa medição da onda em si.

49

Exemplificativamente, caso fosse estabelecida uma reta saindo do centro da imagem até a sua parte mais externa, e essa reta percorresse a imagem em sentido circular, tal qual o ponteiro de um relógio analógico, verificar-se-ia que, por mais que o ponto em que a reta toca uma faixa vibracional mais externa pareça se deslocar a uma velocidade maior do que a de um ponto da mesma reta que toque uma faixa vibracional mais interna, essa percepção de velocidade seria ilusória. Tal ilusão é provocada pelo fato de que os dois pontos se deslocam no mesmo período de tempo, bem como o espaço percorrido por ambos é o mesmo, posto que, enquanto a faixa vibracional mais externa possui a sua “linha” mais distendida, a mais interna se encontra mais concentrada, mas com a mesma medida espacial que a outra. Assim, ambos os pontos se deslocam na mesma velocidade.

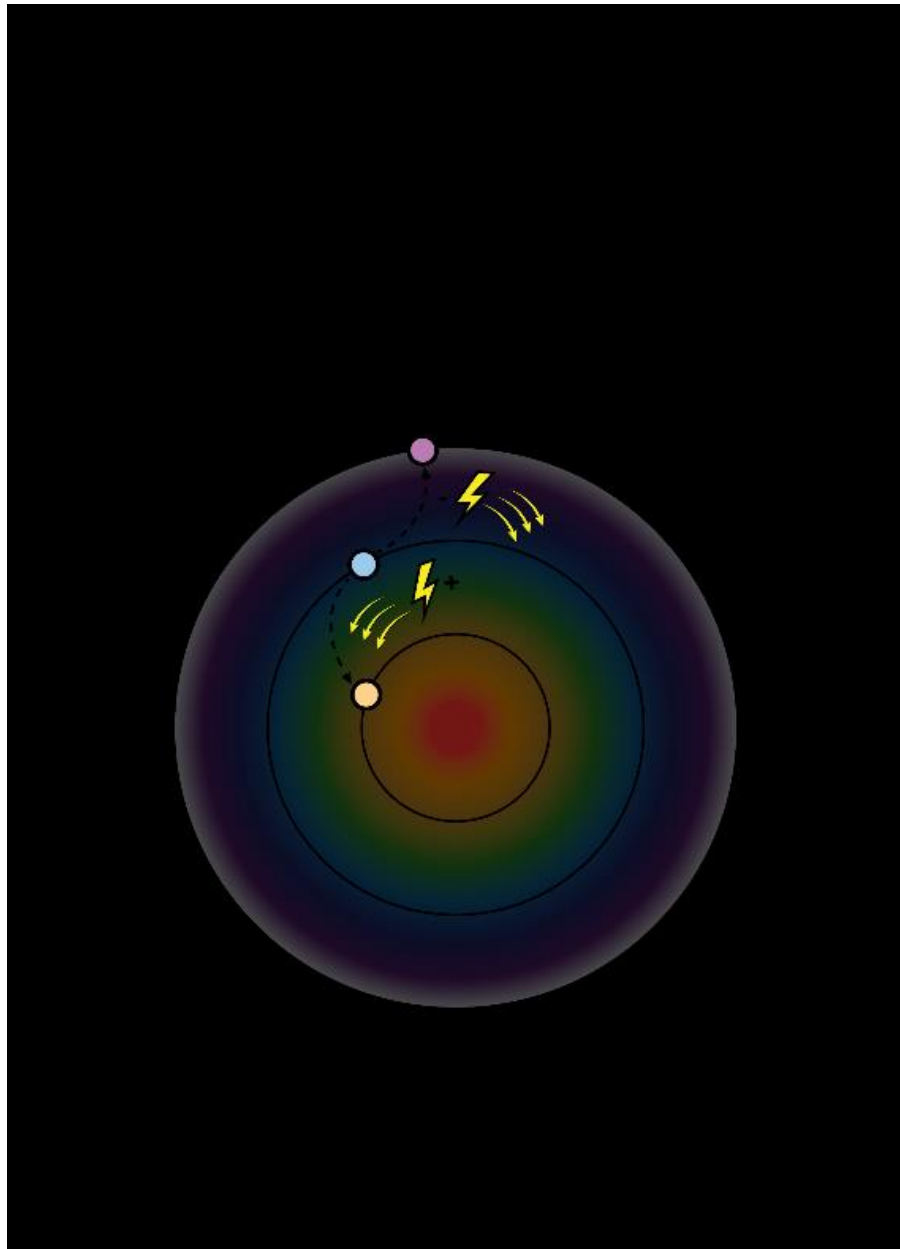
Em que pese cada faixa vibracional representar um ciclo da manifestação, elas são formadas por ciclos menores. Por exemplo, a porção da faixa vibracional localizada no período compreendido por um signo, também forma 50

um ciclo. E a junção dos ciclos de cada um dos doze signos compõe o ciclo da manifestação correspondente àquela faixa vibracional.

Da mesma forma que o ciclo é composto por ciclos menores, correspondentes aos signos, cada ciclo referente a um signo também é composto por ciclos menores, e assim sucessivamente.

Embora na imagem apenas algumas faixas vibracionais sejam caracterizadas, também existem infinitas faixas vibracionais entre as que foram representadas, além daquelas que não foram ilustradas, mas que se encontram na parte mais externa e na mais interna da figura. Todas essas faixas vibracionais, as representadas e as não representadas na imagem, se encontram tão próximas a ponto de inexistir vazio entre elas.

Devido à proximidade existente entre as faixas vibracionais, torna-se possível que um ponto localizado em uma determinada faixa se desloque para outra faixa vibracional. Entretanto, para isso, dois fatos são necessários.

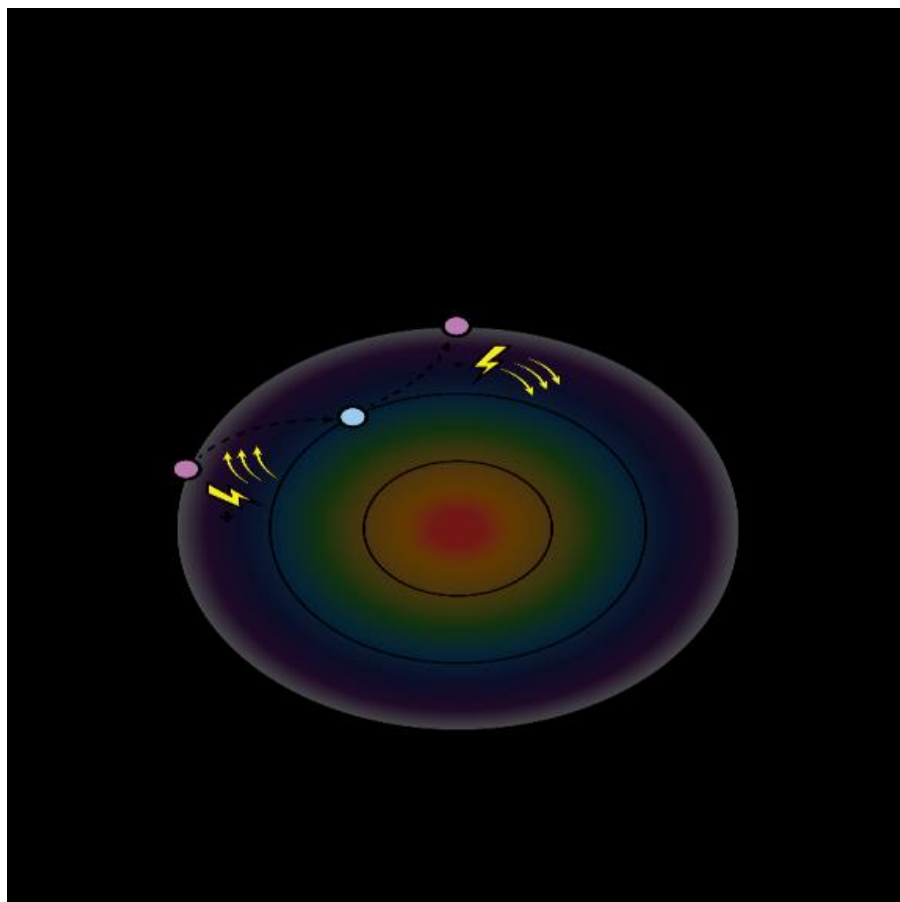


O primeiro é que um outro ponto deve ocupar o seu lugar na faixa da qual está se retirando, uma vez que inexiste o vazio e a Manifestação é um sistema integral.

Já o segundo fato está associado à necessidade de adequação ao padrão de sutilização da nova faixa vibracional. Assim, caso o ponto

se desloque para o sentido exterior da imagem, ele deve liberar energia na faixa na qual se encontrava. Da mesma forma que, caso se desloque para o sentido interior, deve absorver energia existente na faixa vibracional de destino.

52



A essa mudança de faixas vibracionais, costumeiramente, dá-se o nome do Processo de encarne e desencarne, sendo, o Encarne, o processo de densificação, isto é, do deslocamento de uma faixa mais externa para uma mais interna; e, o Desencarne, o processo oposto, de sutilização, no qual há o deslocamento de uma faixa mais interna para uma mais externa. Ambos os processos sempre ocorrem acompanhados da liberação ou absorção de energia na faixa vibracional mais densa¹⁶.

Ao se tomar o processo de desencarne como exemplo, verifica-se que o núcleo de consciência¹⁷ que anima um corpo, desloca-se para uma faixa vibracional mais sutil do que aquela na qual o corpo se encontrava. Nesse processo, o núcleo de consciência se desloca e necessita de liberar a energia, que se encontrava armazenada no corpo, na faixa vibracional correspondente a este. Esta energia será utilizada por outros núcleos de consciência que ani-mam corpos naquela faixa vibracional, uma vez que os sistemas energéticos de cada faixa vibracional são fechados, isto é, não há criação ou perda de energia, apenas a sua transformação.

Embora o núcleo de consciência seja o responsável por animar os corpos, ele não é composto pelo mesmo padrão vibracional daquele corpo e, por isso, consegue transitar entre as faixas vibracionais sem modificar a quantidade de energia que compõe cada faixa vibracional.

17 Tal qual a partícula é um “campo de energia condensada, que se propaga de forma ondulatória”, o Núcleo de Consciência é um “campo de partículas elementares condensada, que se propaga de forma ondulatória”.

Da mesma forma, ao realizar o processo de encarne, o núcleo de consciência necessita de absorver a energia disponível na nova faixa vibracional de forma a construir o corpo existencial correspondente àquela faixa vibracional ou mundo existencial¹⁸, dando forma ao corpo que fará uso em sua jornada por aquele mundo.

cada corpo existencial, conforme visto na obra “A Senda Infinita”, possui a mesma frequência do Mundo Existencial que o corresponde.

55

O CICLO DA MANIFESTAÇÃO

O Ciclo é o período correspondente a uma sístole e a uma diástole existencial, conforme tratado inicialmente na obra “A Senda Infinita”.

O Adensamento é o caminho percorrido pelo Agente Modelador no Tecido Elementar e que dá origem à todas as formas da Manifestação.

O processo de adensamento tem origem no impulso da Vontade manifestado no surgimento do Tecido Elementar, simbolizado pelo círculo externo da Imagem, a Unicidade; a Causa Primária; a Luz do Mundo; a Mônada pitagórica; o Adhi-Buddha Vajradhara; o Dorjechang; o Dharmakaya; o Primeiro Logos; Kether.

Esse círculo, então, é dividido em dois polos, como demonstrado no tópico da Linha Mediana Horizontal, sendo um positivo e outro negativo; um masculino e o outro feminino; um representado pelo fogo e, o outro, pela terra; pelo espírito e pela matéria; pelo sujeito e pelo objeto; essência e forma; pela consciência e pela substância.

56

Como há movimento no interior da imagem, a polaridade positiva do fogo o faz “desce”, em decorrência da Vontade, até a terra de polaridade negativa, “fecundando-a”, conforme representado pelo simbolismo dos elementos existentes na parte inferior da imagem: a Terra, representada pela parte sul da Linha Mediana Vertical; a terra, representada por Capricórnio; e o fogo, representado por Sagitário.

Dessa “fecundação”, tem-se origem o terceiro elemento, que possui tanto as características positivas do fogo, quanto as negativas da terra, representada pela Linha Mediana Horizontal. O terceiro elemento

possui, dentro de si, os arquétipos de toda a manifestação. E esses arquétipos se apresentam na junção dos quatro elementos representados pela Cruz e são animados pelo impulso da Vontade a cumprirem o *Dharma*.

Seguindo o impulso da Vontade, o Agente Modelador parte do ponto no qual a faixa vibracional mais externa toca o braço inferior da Cruz no signo de Sagitário, 57

percorrendo toda a faixa vibracional mais externa em sentido anti-horário até retornar à Sagitário, mas em uma faixa vibracional ligeiramente mais interna do que a anterior. Esse percurso continua até o ponto localizado no núcleo da imagem, quando o ciclo de sístole existencial da Manifestação termina e tem-se início o ciclo de diástole, no qual o Eu “retorna” pelo percurso feito pelo Agente Modelador. Ao percurso feito pelo Agente Modelador e animado pelo Eu dá-se o nome de Ser.

Pode-se visualizar que o Ser Manifesto se “estende”

de forma espiralada ocupando toda a imagem. Contudo, o processo de sístole e diástole existencial ocorre por contração e expansão, fazendo com que a imagem mais próxima para a compreensão do Eu, que ainda necessita de encarnar na Terra, é a de uma ampulheta ou de um carre-tel.

Embora a ampulheta seja utilizada como exemplo, ela apenas ilustra um Ciclo de sístole e diástole existencial se for considerada a ocorrência do Tempo. Assim, fazendo uso do Tempo, tem-se o bojo superior da ampulheta se 58

afunilando no processo de sístole até atingir o “ponto crítico” e se expandir novamente no processo de diástole.

Contudo, para um Eu localizado em qualquer ponto dentro dos bojos da ampulheta, o tempo apenas existe dentro dos próprios bojos, inexistindo em locais fora dela (da ampulheta) e no “ponto crítico”, em decorrência da alta densidade deste e da elevada sutilização daqueles.

A JORNADA DO EU

A Jornada do Eu corresponde ao período de diástole existencial e está associada ao conceito de união¹⁹, que se inicia no núcleo da imagem e finda no Círculo.

O núcleo da imagem representa o ponto de destino da Jornada no Agente Modelador e de partida do Eu em sua Jornada. Neste ponto está a singularidade, a Unidade, tal qual apresentada no Círculo, onde só há Aquele que É, a Plenitude, a Partícula Elementar, a Mônada etc.

Assim, em virtude da ação da Vontade, tem início a Jornada do Eu, o *Dharma*, no ponto no qual a faixa vibracional mais interna da imagem toca o braço inferior da Cruz no signo de Capricórnio, representando o símbolo da fecundação, da meia-noite, do solstício de inverno.

Com o início da Jornada, a Partícula Elementar apresenta a dualidade do Núcleo de Consciência Primor-dial, no qual o seu campo é formado pela ação do Agente 19 O conceito de união comumente é compreendido pelo Eu, que ainda necessita de encarnar na Terra, como o de expansão, pois ele o percebe ilusoriamente como um aglutinar.

60

Modelador e animado pela ação do Eu. Assim, nesse trecho do Ser, há a ilusória dualidade do campo, tal qual a ilusória dualidade criada pela Linha Mediana Horizontal, uma vez que, por todo o campo, há o Eu da mesma forma que há o Agente Modelador.

O início da Jornada, em Capricórnio, é o período no qual ocorre a forte combinação da energia de polaridade negativa com a do elemento terra. Esta, nesse trajeto, apresenta um aspecto cardinal, pois é o primeiro Signo do período compreendido entre o ápice da energia da Terra, representada pelo braço inferior da Cruz, e o equilíbrio encontrado no ápice da energia do Ar, representado pelo braço esquerdo da Cruz.

Nesse Signo, a energia associada ao elemento terra, em aspecto cardinal, estabelece o início das formas que o Eu irá animar, enquanto a polaridade negativa faz com que estas formas se encontrem aptas a serem animadas, dando início ao processo do que, comumente, se chama de encarne. O elemento terra também traz o contato com as 61

sensações, isto é, a compreensão por intermédio do contato com o que é externo, experimentada pelos sentidos.

Além de fazer com que as formas se encontrem aptas a serem animadas, a polaridade negativa também é responsável por aglutinar partículas elementares ao núcleo de consciência formado, atraindo para o seu interior tudo aquilo que se encontra no exterior, unindo-o à forma estabelecida pelo elemento terra.

Por mais que a combinação das energias da terra e da polaridade negativa pareçam criar a “prisão perfeita”

para o Eu, trancafiando-o às formas e atuando de maneira que nada dela escape, é por intermédio dessa combinação que a Jornada tem início.

Ao se aglutinar as partículas elementares, há o aumento tanto do seu Campo (e, conseqüente, da sua forma), quanto da consciência, haja vista que mais partículas elementares passam a animar aquele ser.

Contudo, como a energia do elemento terra também está associada às sensações e, nessa Jornada, apre-62

senta-se de maneira Cardinal, nesse Signo, o Eu acaba fo-cado em estabelecer o desenvolvimento e a organização das formas, pois elas representam a sua parte manifesta, por intermédio da qual experimentará a sua Jornada.

Finalizando o ciclo compreendido em Capricórnio, tem-se início o ciclo de Aquário, no qual a polaridade ener-gética passa a se manifestar como positiva e o elemento predominante é o Ar, que se apresenta em aspecto fixo.

Enquanto o aspecto cardinal do elemento está vinculado ao início de um ciclo entre os braços da Cruz, o aspecto fixo se associa à ideia de se consolidar aquilo que foi iniciado, enquanto o aspecto mutável traz a necessidade de se modificar o que foi feito para dar lugar a um novo ciclo que está por vir.

Assim, o elemento Ar, associado à ideia de se inter-ligar as coisas, ao se manifestar com o aspecto fixo, traz a continuidade do estímulo organizacional iniciado em Capricórnio, mas com um enfoque diferente, decorrente da polaridade positiva que predomina em Aquário.

63

Essa mudança de polaridade faz com que o Eu apresente uma mudança de comportamento, deixando de agregar internamente e buscando, por intermédio da energia positiva, expandir o seu campo, interpenetrando outras partículas elementares que, até então, não compunham a sua parcela do Ser.

É no meio de Aquário que ocorre o fim do inverno e o início da primavera, quando aquilo o que foi condensado e organizado em Capricórnio começa a buscar o exterior, simbolizado pelo degelo, pelo fim da infância e início da adolescência, do Imbolc.

Em decorrência dessa comunicação com outras partículas elementares provocada pela expansão no núcleo de consciência que se encontra em Aquário, tem início o ciclo de Peixes.

Por ter polaridade negativa, Peixes tenta aglutinar as novas partículas elementares “conquistadas” por Aquário. É o momento da transformação dessa parcela do Ser por intermédio dos sentimentos, quando o Eu se volta

para o seu interior visando se conhecer. Esta característica é provocada pelo elemento água em seu aspecto mutável.

Em Peixes, novos desafios surgem para o Eu, pois ele tem de aprender,

fazendo uso dos sentimentos, a unir as novas partículas elementares. Enquanto a sensação é a compreensão daquilo que é externo, o sentimento é a compreensão daquilo que é interno.

O grande aprendizado do Eu em Peixes é o de compreender o que há em seu interior, para que em Áries, um novo Eu aflore. Peixes está associado ao simbolismo da adolescência, ao percurso que leva ao ápice da primavera; ao equinócio da primavera, à Eostre ou Páscoa, ao nascer do Sol.

Com o equinócio da primavera, representado pelo braço esquerdo da Cruz, um novo ciclo se inicia em direção ao braço superior da Cruz, no solstício de verão. Esse novo período tem início no ciclo de Áries, que traz o elemento fogo em aspecto cardinal e a polaridade positiva.

Potencializado pela energia positiva e associado à ação, ao movimento, à transformação, em aspecto cardinal 65

do elemento fogo, é em Áries que o Eu apresenta o seu primeiro grande rompante de expansão.

Contudo, diferentemente do que aconteceu em Aquário, momento em que o Eu buscou a expansão por intermédio da interrelação provocada pelo elemento ar, em Áries a expansão ocorre pela transformação ativa gerada pelo elemento fogo. Aqui, o Eu busca autoafirmar aquilo que foi sentindo em Peixes, isto é, a sua “nova” essência que está florescendo.

Após o rompante expansivo ariano, inicia-se o ciclo de Touro, associado à energia de polaridade negativa e ao elemento terra em aspecto fixo.

Por se tratar de um período de energia da terra em aspecto fixo, é neste Ciclo que o Eu visa consolidar as conquistas realizadas em Áries por intermédio das sensações experimentadas pelo contato com o deslocamento, provo-cado pela energia de polaridade negativa, das novas partículas elementares conquistadas em direção ao âmago do seu núcleo de consciência.

Em decorrência da energia do elemento terra, associada à concretude, à forma, em Touro, o Eu fará uso das partículas elementares conquistadas em Áries para, por intermédio das formas, conservar o que foi adquirido e, assim, experimentar as suas sensações. Essa característica representa-se pela fertilidade da saída da primavera e do início do verão, momento que ocorre no meio do ciclo de Touro, e tem o simbolismo do Bealtaine ou Beltane, e da transição provocada pelo fim da juventude e início do jovem-adulto.

Embora seja um período de fertilidade para o Eu, o ciclo de Touro também é um momento de início de ruptura, pois a fertilidade está associada à expectativa do surgimento de algo novo, enquanto a união do elemento terra com a polaridade negativa busca a manutenção do que foi conquistado.

Terminado o ciclo de Touro, inicia-se o de Gêmeos, de polaridade positiva e associada à energia do elemento Ar, que, por ser a etapa final do ciclo entre braços da Cruz, apresenta aspecto mutável.

67

A energia positiva direciona o Eu, mais uma vez, para a expansão, porém não pelo fogo, como em Áries, mas pelo Ar mutável. Aqui, o Ar mutável traz uma nova forma de compreensão, nascida da busca por associar o que foi fecundado em Touro com aquilo que é novo, decorrente da expansão provocada pela energia positiva.

O final do ciclo de Gêmeos, no solstício de verão também, é o marco de outros dois grandes ciclos, quais sejam, um iniciado no equinócio da primavera, marcando o término do segundo quarto da Jornada; e, o outro, iniciado no braço inferior da Cruz, marcando o término da primeira metade da Jornada. É neste ponto, com a energia do fogo a pino, que aquilo que foi construído até aqui na Jornada será revelado.

Com a revelação trazida pelo solstício de verão, pelo meio dia, pela entrada na maturidade, o Eu ingressa em um novo ciclo, em direção ao equinócio de outono.

Este novo ciclo se inicia em Câncer, um ciclo associado à energia da água de aspecto cardinal e de polaridade negativa.

68

Em Câncer, o Eu se volta para dentro de si, sentindo todas as experiências já vivenciadas e, por intermédio desta nova compreensão decorrente dos sentimentos, pre-para-se para dar continuidade à Jornada, visando atender essa nova forma de sentir.

Aquilo que foi sentido em Câncer é aplicado ao exterior no ciclo subsequente, Leão. Este ciclo tem polaridade positiva e está associado à energia do fogo em aspecto fixo. Assim, em Leão, o Eu coloca em prática, por intermédio da ação, da expansão, o que foi sentido em Câncer, transmutando o exterior, à medida que se expande, para adequá-lo ao que foi sentido.

O meio do ciclo de Leão marca o fim do verão e o início do outono, representado pelo Lughnásádh ou Lammas ou a primeira colheita.

Aquilo que foi transmutado em Leão, de acordo com os sentimentos em Câncer, é moldado em busca da perfeição em Virgem.

O signo de Virgem está associado ao elemento terra em aspecto mutável e à energia de polaridade negativa, 69

trazendo a necessidade de constantes transformações quanto à forma, visando tornar prático e funcional o que foi conquistado por Leão.

O braço direito da Cruz, simbolizando o equinócio de outono, o pôr-do-sol, o fim do dia e o início da noite, marca o fim do ciclo de Virgem e o início do ciclo de Libra.

Libra possui polaridade positiva e a energia do elemento ar em aspecto cardinal.

Aqui, uma nova expansão ocorre, provocada pela energia positiva.

Esta expansão é acompanhada da compreensão trazida pelo elemento ar em aspecto cardinal, visando colocar em prática o que foi aprendido nos Signos anteriores. É aqui que o Eu começa a compreender que as partículas elementares, que passam a fazer parte do seu campo, sempre estiveram associadas a ele, mesmo que, ilusoriamente, se encontrassem fora de seu campo.

Ao entrar em Escorpião, o Eu se volta, mais uma vez, ao seu interior, buscando sentir o que foi compreen-70

dido em Libra. Esse momento de internalização é provocado pela aplicação da polaridade negativa e da energia da água em aspecto fixo, características de Escorpião.

No meio desse ciclo, ocorre o fim do outono e o início do inverno, o Samháin, a época na qual, por intermédio dos sentimentos, o Eu começa a compreender que a forma e a essência são unas e que não há diferença entre o interior e o exterior.

Finalizado o ciclo de Escorpião, o Eu entra no ciclo de Sagitário, de polaridade positiva e energia do elemento fogo em aspecto mutável.

Com a compreensão adquirida que inexiste dentro e fora, que tudo é Uno e que, pelo o que foi sentido em Escorpião, a forma e essência também são unas, em Sagitário, o Eu faz uso da transmutação associada ao fogo mutável e se expande na Unidade, dissolvendo qualquer vestígio de diferenciação.

O ciclo de Sagitário se encerra no braço inferior da Cruz, no solstício de inverno, na meia-noite, na morte. Embora o final do ciclo de Sagitário também coincida com o 71

final do ciclo iniciado em Capricórnio, a Jornada do Eu continua, mas em uma faixa vibracional mais externa e mais sutil, na qual o Eu renasce em uma nova forma apresentada no novo ciclo de Capricórnio, manifestando-se como uma nova parcela do Ser.

Esses infinitos ciclos de renascimento apenas se encerram quando o Eu alcança o término do ciclo de Sagitário na faixa vibracional

infinitamente mais externa, quando o Eu se Compreende no Ser, como Aquele que É.

Assim, a Jornada do Eu corresponde à diástole, tem início no núcleo da imagem e, pela sutilização decorrente da ação aglutinadora provocada pelo Eu, faz com que a manifestação pareça se expandir em direção ao exterior da ilustração, do Círculo.

Para o Eu, o tempo ilusoriamente passa do aspecto *contraído* da imagem em direção ao aspecto *expandido*, ilusoriamente fazendo com que seu futuro seja maior e possua mais coisas do que o seu passado; que todo o porvir é maior do que o já passou.

72

A JORNADA DO AGENTE MODELADOR

A Jornada do Agente Modelador corresponde ao período de sístole existencial e está associada ao conceito de fragmentação²⁰, que se inicia no Círculo da imagem e finda no núcleo.

O Círculo representa o ponto de destino da Jornada no Eu e o marco de onde parte o Agente Modelador em sua Jornada. Neste ponto está a singularidade, a Unidade, tal qual apresentada no Núcleo, onde só há Aquele que É, a Plenitude, a Partícula Elementar.

Assim, em virtude da ação da Vontade, tem início a Jornada do Agente Modelador, o *Dharma*, no ponto no qual a faixa vibracional mais externa da imagem toca o braço inferior da Cruz no signo de Sagitário, no ponto que representa a meia-noite, o solstício de inverno, a fecundação, a terra.

20 O conceito de fragmentação é comumente compreendido pelo Eu, que ainda necessita de encarnar na Terra, como o de contratação, pois ele o percebe ilusoriamente como uma diminuição do seu campo.

73

Com o início da Jornada, a Partícula Elementar apresenta a dualidade do Núcleo de Consciência Primor-dial, no qual o seu campo é formado pela ação do Agente Modelador e animado pela ação do Eu. Assim, neste trecho do Ser, há a ilusória dualidade do campo tal qual a ilusória dualidade criada pela Linha Mediana Horizontal, uma vez que, por todo o campo há o Eu, da mesma forma que há o Agente Modelador.

Tal qual ocorre na Jornada do Eu, a Jornada do Agente Modelador também possui quatro ciclos relacionados ao deslocamento entre os braços da Cruz. Esses ciclos também são subdivididos em três Signos, sendo o primeiro de aspecto cardinal, ou seja, de iniciativa; o segundo, de aspecto fixo, ou seja, de manutenção do que foi iniciado no anterior; e, o terceiro, de aspecto mutável, isto é, transformando o que foi realizado nos anteriores e ser-vindo de preparo para o próximo ciclo que está por vir.

O início da Jornada, em Sagitário, é o período no qual ocorre a forte combinação de energia de polaridade 74

positiva com a do elemento fogo, que, nesse trajeto, apresenta um aspecto cardinal, pois é o primeiro Signo do período compreendido entre o ápice da energia da Terra (representada pelo braço inferior da Cruz), e o equilíbrio encontrado no ápice da energia da Água (representado pelo braço esquerdo da Cruz).

Nesse Signo, a energia associada ao elemento fogo, em aspecto cardinal, com a polaridade positiva, estabelece a forte expansão do Agente Modelador, transmutando tudo com que entra em contato, visando autoafirmar os conceitos trazidos da Terra, simbolizada pelo braço inferior da Cruz.

Finalizado o período de expansão das transformações trazidas pelo Agente Modelador em Sagitário, inicia-se o ciclo de Escorpião, de polaridade negativa e associada ao elemento água em aspecto fixo.

Em Escorpião, o Agente Modelador se volta para dentro, sentindo o que há dentro de si e, por intermédio destes sentimentos, dá

em Sagitário, segregando aquilo que outrora lhe parecia uno.

No meio desse ciclo, ocorre o fim do inverno e o início do outono, época na qual, por intermédio dos sentimentos, o Agente Modelador começa a compreender que a forma e a essência são diferentes, assim como também diferem o interior e o exterior.

Ao término do ciclo de Escorpião, com o Agente Modelador sentindo que a forma e essência são diferentes, inicia-se o ciclo de Libra, de polaridade positiva, associada ao elemento ar em aspecto mutável.

Novamente, o Agente Modelador busca a expansão provocada pela polaridade positiva, mas, desta vez, movi-mentado pelo ar em aspecto mutável, compreende que a separação está em tudo.

Findo o primeiro ciclo entre os braços da Cruz e compreendendo que tudo se separa, o Agente Modelador inicia um novo ciclo em Virgem.

Nessa Jornada, Virgem, de polaridade negativa e associado ao elemento terra, apresenta aspecto cardinal. É

76

o ciclo no qual o Agente Modelador começa a dar forma à diferenciação das coisas que se encontram em seu interior.

É o surgimento das formas e da separação provocada por elas.

Com o surgimento das formas diferenciadas em Virgem, o Agente Modelador entra em Leão, fazendo uso de sua energia positiva associada ao elemento fogo em aspecto fixo. Por intermédio da energia ativa, mais uma vez se expande, impondo, por intermédio da energia do fogo, a transformação da essência das coisas, seguindo os critérios que estabeleceu.

No meio do ciclo de Leão ocorre a transição do outono para o verão, marcado pela expansão da Vontade e, conseqüentemente, pela

imposição dos conceitos do Agente Modelador.

Entrando em Câncer, o Agente Modelador novamente se volta ao interior, por força da ação da energia negativa.

Neste ciclo da Jornada, o elemento água se apresenta com aspecto mutável, fazendo o Agente Modelador 77

sentir o que há em seu interior de forma diferente; fazendo surgir o sentimento da necessidade de isolamento. Este sentimento de isolamento, potencializado pela energia negativa do ciclo, estabelece o sentimento de inação, da passividade.

O final do ciclo de Câncer no solstício de verão também é o marco de outros dois grandes ciclos: um, iniciado no equinócio de outono, marcando o término do segundo quarto da Jornada do Agente Modelador; o outro, iniciado no braço inferior da Cruz, marcando o término da primeira metade da Jornada. É neste ponto, com a energia do fogo a pino no auge do verão, que aquilo que foi construído até aqui na Jornada será revelado.

Com a revelação trazida no solstício de verão, o Agente Modelador entra no ciclo de Gêmeos, trazendo a energia positiva associada à do elemento ar em aspecto cardinal.

Em Gêmeos, o Agente Modelador vai expandir a compreensão daquilo que foi revelado, da busca pela separação por intermédio da inação, da passividade. Esta 78

compreensão é fixada no ciclo subsequente, Touro, associado à energia negativa e ao elemento terra em aspecto fixo.

A energia negativa faz com que o Agente Modelador novamente se volte para o interior, enquanto a energia da terra em aspecto fixo estabelece as formas estáticas e isoladas, tornando concreto o que foi pensado em Gêmeos.

No meio do ciclo de Touro, um novo ciclo termina, o do verão, e tem

início o ciclo da primavera. Esta passagem de ciclos, que ocorre dentro de Touro, gera o início de uma ruptura.

Associado à concretude das formas, estabelecendo a fixação pela inação e a passividade de Touro, o Agente Modelador também experimenta as sensações, trazidas pelo elemento terra, que o fazem sentir que algo novo está surgindo e, conseqüentemente, a ideia de movimento.

Ultrapassado o signo de Touro, o Agente Modelador inicia o ciclo de Áries, de polaridade positiva e associado ao elemento fogo em aspecto mutável.

O novo período de expansão do Agente Modelador é acompanhado por uma nova forma de transmutar: Áries 79

traz a transmutação pela erraticidade, pela atuação ilusoriamente caótica²¹ e impulsiva.

Com o término do ciclo de Áries, o Agente Modelador inicia o último quarto de sua Jornada, na qual irá tri-lhar o *Dharma* entre o braço esquerdo da Cruz e o inferior.

Nessa etapa final de sua Jornada, o Agente Modelador adentra o signo de Peixes, de polaridade negativa e associado ao elemento água em aspecto cardinal.

A polaridade negativa faz com que o Agente Modelador se volte ao seu interior. Entrando em contato com a essência caótica estabelecida em Áries, o Agente Modelador sente, pela primeira vez, esse caos, criando uma dis-ruptiva em seus sentimentos.

Esse novo sentimento experimentado pelo Agente Modelador é expandido pela polaridade positiva que existe no signo seguinte, Aquário, que, por sua energia associada ao elemento ar em aspecto fixo, espalha a compreensão do caos.

21 O caos aqui experimentado, embora exista para o Agente

Modelador já que ele não o compreende, de fato inexistente, pois, a forma aleatória da transmutação do signo de Áries segue o *Dharma* estabelecido pela Vontade.

80

No meio do signo de Aquário ocorre o fim da primavera e o início do inverno, quando o caos, que foi sentido em Peixes e compreendido em Aquário, começa a ganhar forma.

Ao chegar em Capricórnio, signo de polaridade negativa e associado ao elemento terra em aspecto mutável, o Agente Modelador dá forma ao caos.

O ciclo de Capricórnio se encerra no braço inferior da Cruz, no solstício de inverno, na meia-noite, na morte.

Embora o final do ciclo de Capricórnio também coincida com o final do ciclo iniciado em Sagitário, a Jornada do Agente Modelador continua, mas em uma faixa vibracional mais interna e mais densa, na qual o Agente Modelador renasce em uma nova expansão apresentada no novo ciclo de Sagitário, manifestando-se como uma nova parcela do Ser.

Esses infinitos ciclos de renascimento apenas se encerram quando o Agente Modelador alcança o término do ciclo de Capricórnio na faixa vibracional mais interna, quando o Agente Modelador se transforma em Aquele 81

que É, no núcleo da imagem. Neste ponto está a singularidade, a Unidade, tal qual apresentada no Círculo, onde só há Aquele que É, a Plenitude, a Partícula Elementar.

Assim, a Jornada do Agente Modelador corresponde à sístole e tem início no Círculo e, pela densificação decorrente da ação segregadora provocada pelo Agente Modelador, faz com que a manifestação pareça se contrair em direção ao centro da imagem, o núcleo.

Para o Agente Modelador, o tempo ilusoriamente passa do aspecto expandido da imagem em direção ao aspecto contraído, fazendo ilusoriamente com que o seu futuro seja menor do que o seu passado; que o porvir seja menor do que o que já passou.

82

O SER

O Ser é Integral, pois, em si, está a Essência do Eu na Forma do Agente Modelador.

É o Tecido Elementar, a forma perfeita, pois, em si, estão harmonizadas todas as formas.

É a Consciência, a essência perfeita, pois, em si, estão harmonizadas todas as essências.

É a Manifestação, pois, em si, encontram-se desde a primeira até a última manifestação.

É o Dharma, pois, em si, estão harmonizadas todas as Jornadas.

É o Karma, pois, em si, estão harmonizadas todas as justiças.

É o Chakra, pois, em si, estão harmonizadas todas as conexões.

É o Absoluto, pois, em si, estão harmonizadas todas as potências.

É a Vontade, pois, em si, estão harmonizados todos os querereres.

83

É o Todo, pois, em si, está harmonizado tudo o que existe e o que não existe.

É a Harmonia, pois, em si, Tudo está harmonizado.

É o Sentimento, pois, em si, estão harmonizados todos os sentimentos.

É o Sentir, pois, em si, estão harmonizadas todas as sensações.

É o Pensar, pois, em si, estão harmonizados todos os pensamentos.

É a Vida, pois, em si, está harmonizada toda a energia.

É a Realidade, pois, em si, estão harmonizadas todas as ilusões.

É a Sabedoria, pois, em si, estão harmonizados todos os saberes.

É a Lei, pois, em si, estão harmonizadas todas as leis.

É a Verdade, pois, em si, estão harmonizadas todas as verdades.

84

É a Perfeição, pois, em si, está harmonizado tudo o que é feito.

É o Eterno, pois, em si, está harmonizado todo o tempo.

É Uno, pois, em si, estão harmonizadas todas as partes.

É o Universo, pois, em si, estão harmonizados todos os versos.

É o Fundamento, pois, em si, estão harmonizadas todas as construções.

É o Ser, pois, em si, estão harmonizados todos os seres.

O Ser É, pois, em si, está harmonizado todo o devir.

85

A CONCILIAÇÃO DOS PARADOXOS

O Ser concilia, em si, todos os paradoxos, pois é a Verdade, integrando as verdades do Eu com as verdades do Agente Modelador. Estas verdades se colocam ilusoriamente de forma paradoxal, uma vez que apresentam ordens aparentemente contraditórias, quando, na verdade, se encaixam perfeitamente.

Na Jornada do Eu, o tempo se desloca em uma direção, partindo do Núcleo da imagem até o Círculo, ao passo que, na Jornada do Agente Modelador, o tempo se desloca na direção oposta, partindo do Círculo e indo até o Núcleo. Para o Eu, a verdade quanto ao tempo é que ele possui um fluxo; enquanto que, para o Agente Modelador, a verdade quanto ao tempo é que ele possui um outro fluxo. Para o Eu, o tempo do Agente Modelador é o refluxo, pois segue no sentido oposto ao do seu tempo; para o Agente Modelador, o tempo do Eu é que é o refluxo, pois segue no sentido oposto ao do seu tempo.

86

Contudo, diferentemente do que o Eu e o Agente Modelador têm como verdade quanto ao tempo, a Verdade é que o tempo inexiste para o Ser, pois, por ser Integral, ele reconcilia a verdade do Eu com a do Agente Modelador, tornando o tempo estático e, portanto, inexistente.

Por ser Integral, composto do Eu e do Agente Modelador, no Ser há a sobreposição dos seus tempos, com o passado do Eu se confundindo com o futuro do Agente Modelador, e o futuro do Eu se confundindo com o passado do Agente Modelador.

Assim, o Ser é Eterno, pois está além do tempo, onde não há passado ou futuro; não há o que foi e o que virá a ser, o devir; não há mudança; não há transformação; não há movimento.

O Ser é Aquele que É²² e, por isso, não se move, não se transforma, é Perfeito. O movimento, a transformação, a mudança, só podem ser experimentados em decorrência 22 *EHÍEH ASHÉR EHÍEH*.

87

do tempo, pois é ele quem possibilita a comparação das condições transitórias de alguma coisa.

E, assim como o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima²³, todos os Atributos do Ser se apresentam em todos os seres, pois cada ser é um trecho do Ser, animado por um Eu e formado por um Agente Modelador. E, dentro de cada ser, também existem infinitos seres, também animados por infinitos Eus e formados por infinitos Agente Modeladores. E, dentro destes seres, também existem outros infinitos seres, animados por infinitos Eus e formados por infinitos Agente Modeladores. E, assim, infinitamente, estando cada um desses infinitos seres em seu correspondente trecho do Ser.

Como possui os Atributos do Ser, cada ser também é imune à ilusão do tempo e, dentro de si, possui todas as experiências tanto do Eu, quanto do Agente Modelador.

23 Trata-se do “Princípio de Correspondência”, já definido em “A Senda Infinita”.

88

As experiências do Eu vêm do passado do Eu, ou do futuro do Agente Modelador; enquanto as experiências do Agente Modelador vêm do passado do Agente Modelador, ou do futuro do Eu.

Por mais que ilusoriamente pareçam estar separados, o Eu e o Agente Modelador são inseparáveis e, em consequência disso, as suas experiências se interpenetram, pois decorrem de uma da interação

com a outra. Por isso, quando o ser acessa o passado do Agente Modelador, ele também está acessando o futuro do Eu, assim como, ao acessar o passado do Eu, ele está acessando o futuro do Agente Modelador. Visando facilitar a compreensão, a título ilustrativo, são apresentados dois exemplos básicos, o do universo e o do homem.

O universo começa com a singularidade e, posteriormente, fragmenta-se dentro de si, “encolhendo”. Contudo, ao olhar o passado do Agente Modelador, o Eu o percebe ilusoriamente como também sendo parte do seu passado e não como seu futuro e, por isso, o interpreta de 89

forma expansiva, deixando o núcleo e caminhando para o círculo.

O outro exemplo, o do homem, apresenta situação equivalente à do universo. O Eu que anima o homem percebe-se expandindo-se, pois tem a sua jornada iniciada no núcleo e caminha em direção ao Círculo. Assim, passo a passo, o Eu se torna mais consciente, compreendo melhor a sua realidade. Contudo, como o Eu percebe o tempo e o caminho trilhado pelo Agente Modelador como o seu oposto, ele experimenta o passado do Agente Modelador, isto é, a singularidade, o círculo, o zigoto, como também sendo o seu passado. Desta forma, para o Eu, que possui a percepção expansiva, o corpo que ele anima tem início em forma diminuta, tal qual o início da sua compreensão, e, por intermédio da fragmentação, se expande até se desfazer na morte.

Quando começa a ter consciência de que é um ser integral, o homem passa a se colocar mais no estado presente, desfazendo a ilusão do passado e do futuro, do devir, da heresia da separatividade. Colocando-se no estado 90

em que cresce, à medida que diminui; onde ele se desloca sem se mover; onde, ao se internalizar, exterioriza-se; onde, ao nascer, morre e, ao morrer, nasce; onde, ao envelhecer, rejuvenesce; onde, ao não agir, gera a ação; onde, ao nada buscar, tudo tem; onde, ao não saber, sabe; onde, ao conhecer o seu interior, conhece o exterior; onde, pelos sentimentos²⁴, experimenta as sensações²⁵; onde, ao olhar para si, vê o próximo e, ao olhar o próximo, vê a si; onde, ao se elevar ao céu, fixa-se na terra; onde, ao ser rígido, torna-se maleável; onde, ao cristalizar-se, torna-se fluido e, ao tornar-se fluido, cristaliza-se; onde, ao ser discreto, faz-se notar; onde, na ausência, faz-se presente; onde,

pelo silêncio, faz-se ouvir; onde, ao ouvir, se faz compreender; onde, ao ser livre, compromete-se; onde, ao se isolar, mescla-se; onde, ao estar sozinho, está acompanhado por todos; onde, ao focar, a tudo percebe; onde, ao abrir mão, conquista; onde, ao ser, tem, e, ao tudo ter, tudo dá; onde, 24 Sentimento é a forma de se compreender aquilo que se encontra dentro de si.

25 Sensação é a forma de se compreender, por intermédio dos sentidos, aquilo que se encontra fora de si.

91

ao ser inominado, é reconhecido em todos os nomes; onde, ao ser imóvel, alcança a todos os lugares; onde, ao se apa-gar, ilumina, e, ao iluminar, destaca as sombras; onde, ao não julgar, é justo; onde, ao matar, dá a vida, e, ao dar a vida, mata; onde, ao ver o futuro, enxerga o passado, e, ao ver o passado, enxerga o futuro; onde, ao se pacificar, gera a guerra; onde, ao se construir, destrói-se; onde, ao celebrar a vida, exalta a morte, e, ao celebrar a morte, exalta a vida...

Onde se conciliam todos os paradoxos.

92

GLOSSÁRIO

A

Adensamento: caminho percorrido pelo Agente Modelador no Tecido Elementar e que dá origem à todas as formas da Manifestação.

Adhi-Buddha Vajradhara = Causa Primária = Luz do Mundo =
Mônada pitagórica = Dorjechang = Dharmakaya

= Primeiro Logos = Kether: ver “Unicidade”.

Akasha = Quinto elemento = Quintessência = Éter: elemento
simbólico do núcleo de consciência “conjunção”.

B

Bealtaine = Beltane = Beltain: festival celta, ainda comemorado nos dias atuais, reconhecido nas comemorações da Festa da Primavera, mas que originalmente marcava o início do Verão, celebrado em 1º (primeiro) de maio.

93

C

“Campo”: é o nome dado a uma região de influência de algo ou sobre a qual atua uma determinada força.

“Campo de energia condensada” = “Campo de matéria”: ver “Partícula”.

Causa Primária = Luz do Mundo = Mônada pitagórica =

Adhi-Buddha Vajradhara = Dorjechang = Dharmakaya =

Primeiro Logos = Kether: ver “Unicidade”.

Ciclo: período no tempo no qual um fenômeno ocorre, sendo o fenômeno uma sequência de fatos, nem sempre compreendidos pelo Eu que necessita de encarnar na Terra. Período correspondente a uma sístole e a uma diástole existencial.

Ciclo da Manifestação: integração e conexão de todos os ciclos.

Conjunção: núcleo de consciência que se encontra em análise e que é influenciado, principalmente, pelos outros 94

quatro tipos de núcleos de consciência apresentados na imagem: sextil, quadratura, trígono e oposição.

D

Densidade: concentração de massa em uma região do espaço.

Desencarne: ver “Processo de encarne e desencarne”.

Dharmakaya = Dorjechang = Adhi-Buddha Vajradhara =

Causa Primária = Luz do Mundo = Mônada pitagórica =

Primeiro Logos = Kether: ver “Unicidade”.

Dimensão: número de parâmetros utilizados para identificar um ponto no espaço.

“Dualidade matéria-energia” = “Dualidade onda-corpúsculo” =
“Dualidade onda-partícula”: ver “Partícula”.

E

Encarne: ver “Processo de encarne e desencarne”.

Eostre: Páscoa.

95

Espaço-tempo: inter-relação entre as dimensões comprimento, largura, profundidade e tempo. O espaço-tempo é composto por uma parte espacial e uma parte temporal, fazendo com que, quanto maior for a presença de uma dessas partes, menor será a da outra.

Éter: ver “Akasha”.

F

Força: Agente capaz de modificar o estado no qual algo se encontra.

Fragmentação: conceito comumente compreendido pelo Eu, que ainda necessita de encarnar na Terra, como o de contração, pois ele o percebe ilusoriamente como uma diminuição do seu campo.

Frequência: consiste no número de ocorrências por unidade de tempo, assim, quanto maior a frequência de uma ocorrência, mais rápido no tempo se dá esta ocorrência.

96

I

Imbolc = Imbolg = Oilmec: festival gaélico que marca o início da primavera.

J

Jornada do Eu: corresponde ao período de diástole existencial e está associada ao conceito de união, que se inicia no Círculo representado no núcleo da imagem e finda no Círculo representado no limite externo da imagem.

Jornada do Agente Modelador: corresponde ao período de sístole existencial e está associada ao conceito de separação, que se inicia no Círculo representado no limite externo da imagem e finda no Círculo representado no núcleo da imagem.

K

Kether = Dharmakaya = Dorjechang = Adhi-Buddha Vajradhara = Causa Primária = Luz do Mundo = Mônada pitagórica = Primeiro Logos: ver “Unicidade”.

97

L

Lughnasadh = Lammas: Festival da Primeira Colheita. Dia sagrado no paganismo, tendo origem Celta.

Luz do Mundo = Dharmakaya = Dorjechang = Adhi-Buddha Vajradhara = Causa Primária = Mônada pitagórica =

Primeiro Logos = Kether: ver “Unicidade”.

M

Massa: concentração de energia.

Mônada pitagórica = Dharmakaya = Dorjechang = Adhi-Buddha
Vajradhara = Causa Primária = Luz do Mundo =

Primeiro Logos = Kether: ver “Unicidade”.

N

Núcleo de Consciência: “campo de partículas elementares condensada, que se propaga de forma ondulatória”, tal qual a partícula é um “campo de energia condensada, que se propaga de forma ondulatória”.

98

P

Partícula: “campo de energia condensada” ou “campo de matéria”, que se propaga de modo similar ao de uma onda, no que se conhece como “dualidade onda-partícula”

ou “dualidade onda-corpúsculo” ou “dualidade matéria-energia”.

Primeiro Logos = Dharmakaya = Dorjechang = Adhi-Buddha
Vajradhara = Causa Primária = Luz do Mundo =

Mônada pitagórica = Kether: ver “Unicidade”.

Processo de encarne e desencarne: mudança de faixas vibracionais, sendo, o encarne, o processo de densificação, isto é, do deslocamento de uma faixa mais externa para uma mais interna; e, o desencarne, o processo oposto, de sutilização, no qual há o deslocamento de uma faixa mais interna para uma mais externa. Ambos os processos sempre ocorrem acompanhados da liberação ou absorção de energia na faixa vibracional mais densa.

99

Ponto: objeto que não tem definição, dimensão e forma e, por isso, é impossível mensurá-lo fazendo uso de medidas espaciais, como as de comprimento, largura, altura, área e volume.

Q

Quintessência = Quinto elemento: ver “Akasha”.

S

Samháin: festival em que se comemora a passagem do ano dos celtas. Marca o fim do ano velho e o começo do ano novo. Inicia o inverno.

Sensação: compreensão daquilo que é externo, por intermédio dos sentidos.

Sentimento: compreensão daquilo que é interno.

Ser: percurso feito pelo Agente Modelador e animado pelo Eu.

100

U

União: comumente compreendido pelo Eu, que ainda necessita de encarnar na Terra, como “expansão”, pois ele o percebe ilusoriamente como um aglutinar.

Unicidade = Causa Primária = Luz do Mundo = Mônada pitagórica
= Adhi-Buddha Vajradhara = Dorjechang =

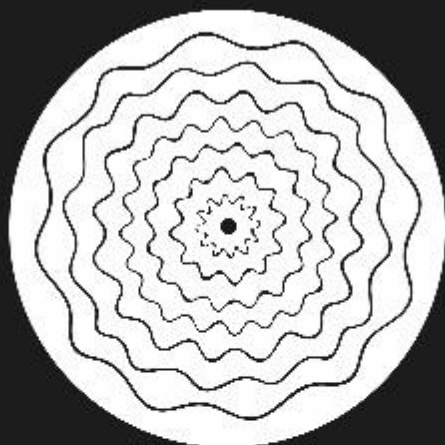
Dharmakaya = Primeiro Logos = Kether: impulso da Vontade manifestado no surgimento do Tecido Elementar, simbolizado pelo círculo da Imagem, e que dá origem ao processo de adensamento tem origem.

V

Vitalidade: capacidade que algo possui de criar movimento; modificação do estado no qual se encontra em ra-zão da atuação do agente “Força”, modificação essa que ocorre em virtude da utilização do deslocamento da energia.

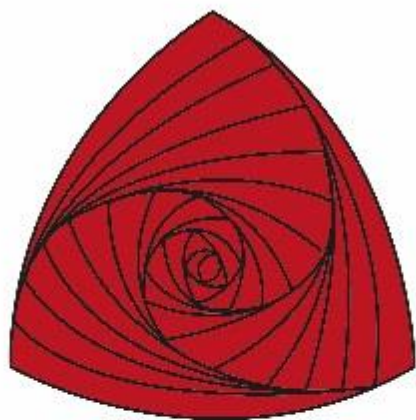
101

102



A Manifestação

PAULO JACOBINA



O Homem

PAULO JACOBINA

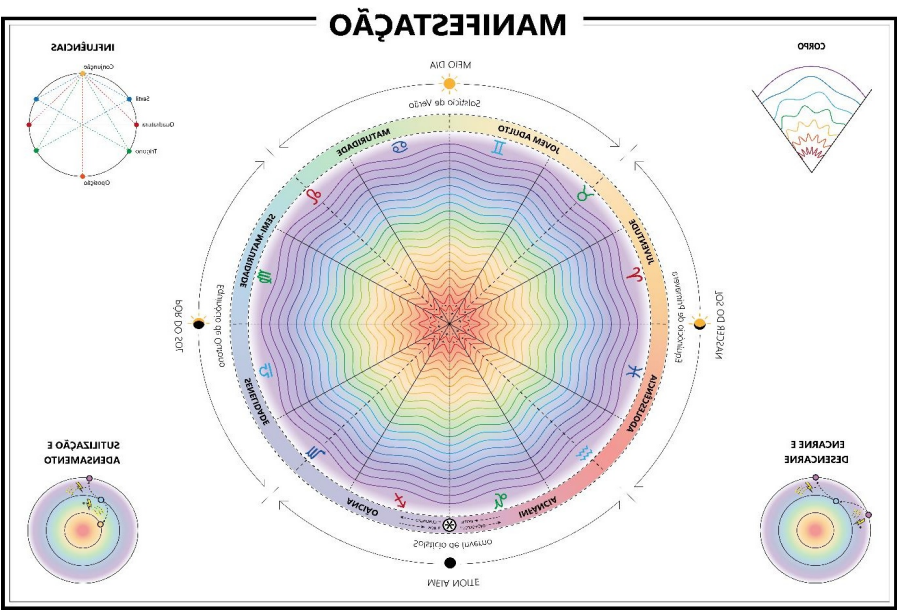


A Senda Infinita

PAULO JACOBINA

A TRILOGIA DA EXISTÊNCIA

103



Saiba mais em:

www.youtube.com.br/pedradeafiar